BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XXVI • OUTUBRO DE 1951 • N.º 296

QUEIMADAS DE CAMPO E DE MATAS

Wanderbilit Duarte de Barros
Eng. Agrônomo

Hábito dos mais antigos no interior do país é a queimada. Ela é prática aceita pacìficamente por quantos labutam nas rudes tarefas agrárias e que vêem no fogo o meio propício, pela rapidez e aparente vantagem, para a limpeza e beneficiamento do solo.

Introduzido pelos primeiros colonos aqui aportados, segundo alguns observadores, embora outras autoridades em matéria de pesquisa histórica afirmem que a queimada constituia tarefa generalizada entre os indígenas, o fogo é empregado em grande escala na quase totalidade das terras no nosso meio rural. Utilizado sem limite, ateado no pasto não aceirado, com o objetivo de eliminar pragas vegetais ou animais daninhos (ratos, cobras e outros), o fogo se alastra dando geralmente desastrosos resultados. A rebrota do capim no pasto é apenas de ligeira vantagem, pois se a forragem pode ser mais alimentar, graças aos tenros rebentos, o solo se torna mais sêco e mais duro, sendo difícil a penetração das primeiras águas de chuvas. Estas deslizam e arrastam o melhor material do terreno, depositam-no vargedos ou os lançam nos cursos dos córregos e rios. O solo perde de embeber-se, não se enriquecendo de humidade e de azoto, em que é pródiga a chuva.

Quando a queimada atinge a mata suas consequências tornam-se mais desagradáveis. O material sacrificado atinge, em tôda a parte, calculado em dinheiro e prejuízo, a cifras consideráveis que aumentam as perdas do capital de tôda a Nação. Madeiras de utilidade variada, muitas das quais já hoje raras, perecem sem outro aproveitamento que não para a carvoaria. Tôda a flora é sacrificada, sofrendo a natureza inteira os efeitos dêsse trabalho. Morrem, com o fogo, os vegetais, os animais de tôdas as formas e, o que é mais sério, o próprio solo. Há estudos perfeitos demonstrando que a temperatura do solo, notadamente nos países tropicais, como o Brasil submetidos ao fogo das queimadas, atinge a altos graus térmicos, suficientes para prejudicarem a vida de vermes, micróbios e insetos, que levam existência no interior da terra.

A temperatura do solo, a 2,5 centímetros de profundidade, alcança durante a queimada 250°, menos 200 que a temperatura da superfície no mesmo momento, enquanto que, entre os 22 e 23 centímetros de profundidade, o grau térmico alcança a 40°, muito alta para, entre o solo e essas profundidades, permitir boa existência de sêres necessários à formação e manutenção de fertilidade do solo.

Excluídos êsses inconvenientes todos, uma outra desvantagem da queimada reside no fato de ficar a superfície exposta ao ressecamento pela acelerada evaporação determinada por falta de proteção contra os ventos. Aceitável apenas em uma ocasião, quando se realiza a coivara, o fogo deve, nos demais casos, ser evitado pelo que de pernicioso nas gerais conseqüências tem para as nossas terras.

Aliás, com o intúito de prevenir a ação dos incendiários, o Código Florestal Brasileiro preceitua penalidade severas. Isto, porém, não é primordial, pois o que deve o poder público fazer é despertar a atenção do roceiro, do fazendeiro, dos homens do interior, para os perniciosos efeitos das queimadas, indicando-lhes que elas sobrecarregarão em "deficit" as condições futuras do solo da propriedade. Êste é o meio certo de combater, nesta época de fogo, as queimadas de nossas terras.

(Coperação da Prefeitura Municipal de Campinas)

Enxada Dragão prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Enxada Dragão

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

Standard

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVI	OUTUBRO DE 1951	Número 296

Sumário

Colaboração

PROBLEMAS HODIERNOS DA CAFEICULTURA BRASILEIRA

JOSÉ TESTA
(Chefe da Estatística e Publicidade da Superintendência do Café)

A um observador leigo, ou superficial, poderia parecer que são sempre os mesmos, eternos e imutáveis, os problemas da nossa cafeicultura, que, de um modo geral, poderiam resumir-se no tríplice conceito de produzir mais, melhor e mais barato. Até certo ponto, é isso verdade. Entretanto, com a marcha do tempo e a evolução das cousas, êsse conceito, embora subsistente, deve ser interpretado de modo algo diferente do que o era há alguns anos.

Há vários aspectos da cafeicultura que mudaram, substancialmente, com o correr do tempo, chegando alguns dêles a apresentar hoje um **facies** bem diferente do que tinham há algumas décadas. Pode-se mesmo dizer que quase tôdos êles mudaram, e, aliás, para pior, exigindo atualmente muito maior soma de trabalho, e uma racionalização crescente, afim de que seja possível enfrentar as dificuldades do momento.

Examinemos alguns dêles.

ADUBAÇÃO — Quando se iniciou a cafeicultura no Brasil central, o problema da adubação não existia. Não porque não fosse atual, desde então, pois se as terras estivessem convenientemente defendidas, desde aquela época, e a adubação dos cafeeiros inteligentemente feita, a situação dos nossos cafèsais seria, hoje, bem outra. Mas, tratando-se de terras fertilíssimas, de matas recém desbravadas, o empirismo então dominante prescindiu da adubação por larga margem de tempo. Êsse compasso de espera chegou ao fim e, agora, torna-se indispensável e urgente que sejam restituidos ao solo dos velhos cafeeiros, de 50, 80, 100 anos de idade, os elementos que êles dalí retiraram. É, pois, uma questão nova, e que por sua vez se ramifica em várias outras: adubo mineral, adubo composto, preços, transporte, métodos de aplicação.

SÊCAS — Com o decorrer dos anos, o planalto interior do Brasil mudou de clima, sendo provávelmente a razão principal desse fato a destruição da vestimenta florestal. O fenômeno das estiagens tem sido sentido particularmente em S. Paulo, e tal modo que as sêcas, dantes ocasionais e esporádicas, são hoje quase uma constante da nossa climatologia. A garôa e a umidade do planalto paulista desapareceram e o período da sêca tornou-se paulatinamente mais amplo e mais rigoroso. Desnecessário é acentuar o seu danoso efeito sôbre os cafèzais, urgindo que se encontre uma solução, destinada a corrigir a natureza, o que se vem tentando, por vários processos de irrigação que se encontram em experiência. São, entretanto, caros e demorados, devendo o seu pleno resultado só estar assegurado dentro de alguns anos.

TRANSPORTE — Muito embora a maior parte de nossas ferrovias não tenha aumentado substancialmente os seus fretes, de alguns anos a esta parte, o que, aliás, lhes vem causando sucessivos **deficits**, o problema do transporte do café, bem como o de tôdos os outros nossos artigos, vem se agravando nos últimos tempos, devido ao fato de que as distâncias da fonte de produção aos portos são cada vez maiores. Antigamente, a grande massa dos nossos cafèzais se encontrava na bacia do Paraíba. Dalí, pouco a pouco, a "onda verde" seguiu para o centro de S. Paulo e sul de Minas, irradiando a seguir para a mata mineira, o oeste de S. Paulo e, atualmente, já atingiu o norte do Paraná e mesmo o sul de Mato Grosso. Muito embora seja o café uma mercadoria capaz de suportar altos fretes, é bem de ver que essa migração para oeste lhe acresceu consideràvelmente o preço do transporte.

BRAÇO OPERÁRIO — Até o fim do Império, os cafèzais eram cultivados pelo braço escravo. Embora gratuito, era êle quase nada técnico e apenas relativamente eficiente, de modo que o seu rendimento, em geral, não satisfazia.

Entretanto, era fácil, e fixo à gleba. Posteriormente a abundante imigração de europeus, principalmente italianos, braço êsse muito mais hábil e que agia sob o estímulo do lucro, propiciou, em S. Paulo principalmente, um grande desenvolvimento da cafeicultura. Êsse elemento humano é, hoje, raro e difícil. As atuais condições de trabalho, em tôdo o mundo, fizeram com que as migrações desejem cercar-se de minuciosas garantias. E, mesmo nas fazendas já constituidas, a atração das terras **novas**, promove um êxodo constante e crescente. O problema só poderá ser resolvido com a mecanização, a qual apresenta, todavia, com relação ao café, dificuldades singulares, que vão até à exigência da substituição dos velhos cafèzais por outros novos, plantados em curva de nível e com maior espaçamento.

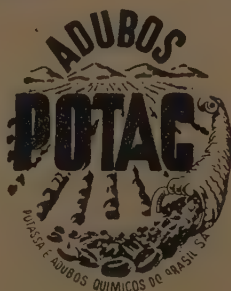
CAFÈZAIS VELHOS — É grande, no Brasil, atualmente, a porcentagem de cafèzais velhos, muitos dêles com mais de 60, de 80, de 100 anos. Sua produtividade, como é natural, é pequena ,e muitos dêles chegam a ser deficitários, mesmo com os preços atuais. Para rejuvenescer os que ainda são aproveitáveis, e para obter-lhes o braço necessário, evitando que êle emigre para as zonas novas, muito seria preciso fazer, em matéria de adubação, de mecanização, etc. Isso implica muito dinheiro e muito tempo, além de conhecimentos técnicos, que nem todos possuem.

PRAGAS E MOLÉSTIAS — Em parte como consequência do envelhecimento dos cafeeiros, da falta de adubação conveniente e das alterações climáticas, muitas pragas e moléstias têm aparecido, nos últimos tempos. Para combatê-las eficazmente, necessários se tornam inseticidas e fungicidas baratos, máquinas e técnica adequada.

BENEFICIAMENTO, PROPAGANDA — Evidentemente, sempre foi necessário que o café fosse bem preparado e bem apresentado. Entretanto, há dois fatores novos, que exigem maior atenção a êsse aspecto, bem como à propaganda: um é a concorrência, cada vez maior; outro

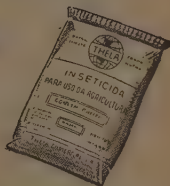
são as exigências do gosto moderno, mais apurado, e que não mais contentaria com artigos julgados excelentes há alguns anos.

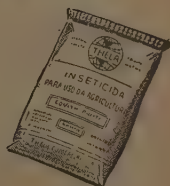
PREÇOS — Last, but no least, o fator preço deve ser também considerado nesta síntese que fazemos. De um modo geral, êle é julgado, atualmente, satisfatório, para os cafèzais não decrépitos, ou não sujeitos a desfavoráveis fenômenos meteorológicos. Entretanto, o que mais importa não é tanto o seu nível, mas a estabilidade dêsse nível, ameaçado a cada momento por ofensivas as mais diversas. O preço teto fixou a extremidade superior da linha das cotações. Mas, não temos possibilidade de fixar a outra extremidade, a inferior. Melhor seria que o produto tivesse sido deixado à contingência da oferta e procura.

Sem preços adequados e estáveis, o cafeicultor brasileiro não poderá efetuar a racionalização da sua cafeicultura, nas bases que resumimos acima. E, sem essa racionalização, nossa cafeicultura não poderá realizar sua tarefa precípua, que é a de **produzir mais, melhor e mais barato.**

Guia DO LAVRADOR

NO COMBATE ÀS PRAGAS DO ALGODÃO

PREVINA-SE CONTRA A INVASÃO DOS PULGÕES — BHC

... da vaquinha furadeira e da broca de raiz, as primeiras pragas que surgem na lavoura algodoeira. Logo após o desbaste, aplique o inseticida BHC "THELA" 2 %, repetindo o tratamento 12 a 15 dias depois. Se verificar a existência de ácaros use o 340 ou o 325. É um tiro!

NO FLORESCIMENTO... — THELATOX

... aparecem também os percevejos, o "coruquerê", a lagarta rosada, a lagarta das "maçãs" e os ácaros. É a época de aplicar misturas mais fortes: 3540 ou 2040 a 3 5 25 e a 20 30. Resultado 100% garantido.

NA FRUTIFICAÇÃO... — MISTURAS

... polvilhe a mistura 31040 ou 31025, para que as lagartas não comam as "maçãs". Êstes inseticidas são mais fortes que os anteriores. Garantem boa produção e bons lucros. E assim o "ouro branco" estará livre dos seus grandes inimigos!

USE

A POLVILHADEIRA

"FARQUHAR"

Consulte o Instituto Biológico ou recorra aos agrônomos da THELA.

THELA

Pedidos à

THELA COMERCIAL S. A.

RUA MARIA TEREZA, 149 • TELEFONE: 52-6191 • SÃO PAULO

Filiais: Rio de Janeiro • Curitiba

ENSAIOS SÔBRE A COLHEITA DO CAFÉ

III

ANDRÉ TOSELLO
Eng.º Agr.º do Instituto Agronômico do Estado de São Paulo.

No presente artigo vamos estudar os ensaios de colheita de café realizados em terra roxa, na zona de Ribeirão Preto. Nesta região empregam-se dois métodos de colheita ou melhor, dois métodos de derriça, a saber: derriça no chão e deriça no pano. Por isso foram feitos ensaios comparativos dêstes dois processos.

Escolheu-se, para os ensaios aqui referidos, uma fazenda de café vizinha á Estação Experimental de Ribeirão Preto e nesta propriedade procurou-se localizar um talhão que representasse a media aproximada da cultura cuja produção era em redor de 20 sacos por mil pés. O talhão assim escolhido possuia 200 plantas e nele foram organizados três ensaios, a saber:

Ensaio A — "levantamento do café de varreção", constituido pela rastelação e abanação do café existente no chão.

Ensaio B — "colheita pela derriça no chão", de 100 plantas.
Ensaio C — "colheita pela derriça no pano", de 100 plantas
Os resultados obtidos foram os seguintes:

ENSAIO A (1)

(Levantamento do café de varreção)

Local do ensaio — já mencionado
Talhão de café — 200 plantas da variedade Bourbon vermelho, com 23 anos, plantadas em quadrado de 16 palmos (3,52 m.)
Operários — foram escolhidos ao acaso 10 operários assim constituidos: 5 homens, 3 meninos e 2 mulheres, sendo que todos sabiam abanar.
Resultados obtidos — Dado que neste ensaio não havia interesse em se separar as duas operações que constituem o "levantamento do café" ou sejam a "restelação" e a "abanação", resolvemos apenas determinar o tempo total gasto pelos 10 operários na realização completa do "levantamento".
O tempo total útil gasto na operação pelos 10 operários, foi de 110 minutos, o que corresponde a um tempo de 1.100 minutos para um só operário.
Nestas condições o rendimento foi de 110 pés por operário em 10 horas de serviço.
O café recolhido foi de 100 litros nas 200 plantas o que corresponderia a 4,5 sacos por mil pés.

ENSAIO B (2)

(Colheita por derriça no chão)

Local de ensaio — já mencionado
Talhão de café — o mesmo do ensaio "A", porém, com apenas 100 plantas.
Operários — os mesmos do ensaio "A"
Resultados obtidos — Neste ensaio a operação de colheita foi dividida em 3 outras operações elementares correspondentes que são a "derriça", "rastelação" e "abanação".

Derriça — Os 10 operários derriçaram 100 plantas no seguinte tempo: início ás 9 horas e 45 minutos; término, ás 11 horas e 10 minutos; tempo total útil: 85 minutos.

Desse modo caberia a cada operário derriçar $\frac{100 \times 60 \times 70}{850} = 70$ pés por dia de 10 horas.

Rastelação — A rastelação das 100 plantas foi feita por apenas 5 dos 10 operários e o tempo gasto foi o seguinte: início, ás 11 horas e 12 minutos e o total término ás 11 horas e 45 minutos, o que corresponde a um tempo útil de 33 minutos ou 165 minutos para um operário.

Nestas condições caberia a cada operário rastelar
$\frac{100 \times 60 \times 10}{165} = 360$ pés por dia de 10 horas.

Abanação — Os mesmos cinco operários abanaram o café derriçada e rastelado proveniente das 100 plantas no seguinte tempo: início ás 11 horas e 30 minutos e término ás 11 horas e 52 minutos, o que corresponde a um tempo total útil de 22 minutos ou 110 minutos para um operário.

Nestas condições caberia a cada operário abanar
$\frac{100 \times 69 \times 10}{110} = 545$ pés por dia de 10 horas.

O total de café abanado, nos 100 pés foi de 190 litros, e isto corresponde a uma produção de 17 sacos por mil pés.

Baseados nos dados acima, verifica-se um operário poderá "derriçar", "rastelar" e "abanar" cêrca de 53 pés por dia e admitindo-se a produção média de 17 sacos por mil pés, o rendimento do operário seria de 1 saco por dia de 10 horas.

Ainda, admitindo-se os dados acima como médios, os tempos consumidos em cada uma das operações elementares foram os seguintes:

derriça	—	75%
rastelação	—	14%
abanação	—	11%

ENSAIO C (3)

(Colheita por derriça no pano)

Local do ensaio — já mencionado
Talhão de café — o mesmo do ensaio "A", porém, com apenas 100 plantas.
Operários — os menos dos ensaios "A" e "B"
Resultados obtidos — Neste ensaio a operação de colheita foi dividida em 2 operações elementares, ou sejam "derriça" e "abanação". A colheita foi feita no pano e por isso não existe a operação de rastelação.

Derriça — Os 10 operários derriçaram as 100 plantas no seguinte tempo: início ás 13 horas e término ás 14 horas e 50 minutos — tempo total útil: 110 minutos, o que corresponde a um tempo de 1.100 minutos para um operário.

Nestas condições caberia a cada operário derriçar

$$\frac{100 \times 60 \times 10}{1100} = 1090 \text{ pés por dia de 10 horas.}$$

Baseados nestes dados verifica-se que um operário poderia derriçar e abanar cêrca de 40 pés por dia de 10 horas.

A produção nestes 100 pés foi de 200 litros e que corresponde a uma produção media de 18 sacos por mil pés, e a um rendimento de colheita de 1 saco por operário por dia de 10 horas.

Os dados acima demonstram que os tempos consumidos nas operações elementares componentes da colheita no pano forma os seguintes:

derriça — 95%
abanação — 5%

Comparando-se os resultados obtidos nos ensaios "B" e "C" verifica-se que houve maior rendimento do trabalho na colheita quando se emprega o método de derriça no chão. Derriçando no chão, um operário, em 10 horas, colheu 53 pés; derriçando no pano, o mesmo operário conseguiu colher apenas 40 pés.

O menor rendimento da colheita no pano é compensado, todavia pela melhor qualidade do café, pela maior facilidade nos trabalhos posteriores de preparo e pelo fato de tornar muito mais suave ao operário o serviço de abanação.

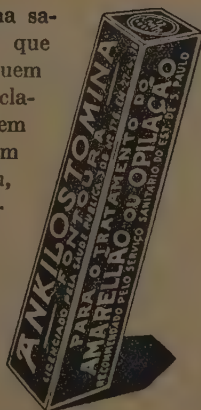
---

(1) Tosello, André — Ensaio n.º 33 — Secção de Café do Instituto Agronômo.
(2) idem, idem — Ensaio n.º 31.
(2) idem, idem — Ensaio n.º 32.

AGORA ELE É

OUTRO HOMEM

Hoje ele parece outro! Trabalha satisfeito e sente-se feliz em ver que tudo corre bem! E se vê alguem sofrer como ele sofria antes, esclarece e aconselha: "O que você tem é devido aos vermes que infestam seus intestinos! Faça como eu, um tratamento com a ANKILOSTOMINA FONTOURA!"

Estes são os sintomas terriveis do amarelão: palidez - falta de apetite - calor na bôca do estômago. Consulte um médico e ele lhe dirá que as drágeas de ANKILOSTOMINA FONTOURA, tomadas de oito em oito dias, resolvem os casos comuns de amarelão ou opilação.

Internacional

ANKILOSTOMINA

FONTOURA

DESTRÓI E ELIMINA OS VERMES DO AMARELÃO!

CULTURA DO CAFEEIRO

WILLIAM WILSON COELHO DE SOUZA
Agrônomo - cafeicultor

Desde 1906 lavradores e govêrnos se têm preocupado apenas com os preços de venda do café. Constituiu-se desde essa época a política da defesa dos altos preços. Criou-se uma riqueza, que formou cidades, concorreu para a abertura de estradas, e fomentou o progresso do país.

Os problemas do café têm na realidade sentido mais amplo e complexo, abrangendo os aspectos: agrícola, econômico, financeiro e social.

Examinando o primeiro, vê-se que as lavouras que se formaram em todo o país, caminharam em busca das matas e depois que as terras perderam a produtividade, foram abandonadas ou transformadas em invernadas, depredadas pelo fogo e a erosão tornaram-se improdutivas e ácidas, avolumando as áreas perdidas para a economia nacional, que se extendem ao longo das vias féreas ou de rodagem.

PROCESSOS ROTINEIROS

A rotina de tratar das lavouras de café, criou prática como: — a **coroação** antes da colheita; a **esparamação** do cisco depois de terminada aquela; as **capinas,** e as **culturas intercalares.** Semelhantes operações, dilaceram o sistema radicular das plantas, traumatisam-nas, deformam-nas e fazem com que o rendimento das lavouras baixe a limites anti-econômicos, de 15 a 20 arrobas por mil pés e desapareçam ao cabo de 15 à 20 anos.

Em sintese rápida são estas operações adotadas há mais de dois séculos no Brasil, dentro do sistema de cultura a pleno sol, usada nos principais Estados cafeeiros, como os de: São Paulo, Minas Gerais, parte do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Goiás e Paraná, embora os do nordeste, como: o Ceará e Pernambuco, e ao sul de Santa Catarina, adotem o sombreamento empregando o ingazeiro.

SISTEMA ADOTADO NOUTROS PAÍSES

Ao passo que, assim acontece no Brasil todos os demais países produtores de café, no mundo, desde o México, a Colômbia, a Venezuela, a Guatemala, a Costa Rica e outros da América Central, só plantam o cafeeiro no regimem de sombra, e isso acontece em todos os solos, climas, altitudes, latitudes e longitudes, desde a beira-mar até aos altiplanos da Colômbia.

É por isso que, a Colômbia produz 90% de cafés finos, — bebida mole; enquanto o Brasil produz 90% de cafés duros — bebida ruim. Naquele país não há 10% de cafés inferiores, enquanto no Brasil não há 10% de cafés finos.

Em consequência de semelhante fato, a cultura cafeeira de todos êsses países, feita em sua maioria por pequenos produtores, cres-

ce paulatinamente, de ano para ano e o seu produto é disputado pelos países consumidores, como a América do Norte. Dispondo de produto de boa qualidade não sofrem de crises de produção; não precisam fazer valorizações artificiais, porque o seu produto é valorizado; não procuram impor aos mercados de consumo a sua mercadoria porque pela sua qualidade encontra colocação fácil e a altos preços.

Não foi possível aos homens do Brasil em 45 anos de trabalhos de valorização, compreender uma lição simples de economia: — é no campo que se forma a qualidade e o valor do produto, nunca nos artifícios das praças de exportação e de consumo.

Não compreendemos até hoje o sentido da lição da experiência que a borracha, o açucar e o café, têm fornecido aos homens de pensamento e de ação. Só o algodão escapou a essa fatalidade, porque alguem previu os seus problemas e deu-lhes soluções adequadas.

Falta que façamos pelo café, exatamente o que se realizou pelo algodão; rompendo todos os preconceitos seculares que a rotina criou e adotando novas práticas racionais, capazes de modificar tudo o que está errado.

MEDIDAS QUE ADOTAMOS

Entregamo-nos a esta tarefa executando novas práticas racionais para a cultura cafeeira, dentro de normas técnicas e economicas.

Nos processos que empregamos evitamos o plantio do café em **terras de derribada,** preferindo as terras velhas. Aconselhamos o aproveitamento dos morros em forma de meia-laranja, portanto de declive suave, como os que se encontram em Barra do Piraí, Piraí, Barra Mança, Cordeiro, Miracema, no Estado do Rio.

Voltando a cultura cafeeira a ser praticada nas regiões mais próximas do Rio de Janeiro, teriamos a produção perto de seu grande porto de embarque, aproveitariamos as terras atualmente mal aproveitadas, fariamos voltar a prosperidade de onde desapareceu, encurtariamos as distâncias, poupando o material ferroviário e as despezas de frete da mercadoria, além de que seriam preservadas as últimas reservas de matas existentes.

As medidas que usamos são as seguintes: a) — plantio de preferência em terras velhas; b) — emprêgo das curvas de nível para a defesa do solo contra a erosão; c) — abertura de covas fundas ao longo das curvas; d) — emprêgo da cal nas covas para neutralizar a acidez que se formou; e) — adubação das mesmas com matéria orgânica; f) — plantio do café e de duas leguminosas para o sombreamento provisório empregando o dorancê e no definitivo usando o ingazeiro; g) — mudas formadas em vasos fabricados de uma mistura de barro com estrume de cocheira; h) — semeadura diretamente nos vasos evitando os inconvenientes da repicagem, que provoca a deformação da raiz pivotante; i) — emprêgo de sementes selecionadas.

Semelhante conjunto de medidas são adatáveis tanto às terras de derribadas recentes, como às terras velhas e à restauração das lavouras velhas, atualmente existentes.

Adotamo-las nos trabalhos do Fomento, na Mogiana, em S. Paulo e em Minas Gerais, como no Estado do Rio de Janeiro.

Dele resulta a precocidade de cerca de ano e meio das lavouras formadas, tanto em terras velhas como novas; tivemos a demonstração da antecipação da frutificação, em três casos no Estado do Rio.

VANTAGENS DO SOMBREAMENTO

Nas lavouras sombreadas que se formam reunem-se as vantagens seguintes:

a) — amparo das plantações contra as intempéries: — geada, granizo, ventos frios, e a erosão;

b) — dispensa das capinas, a enxada, depois do quinto para o sexto ano, quando a sombra estiver formada;

c) — restauração da forma das árvores no caso das lavouras velhas;

d) — precocidade da vida e produção das árvores;

e) — uniformidade da floração, da frutificação e do amadurecimento das frutos;

f) — emprêgo do despolpamento em razão da alta percentagem de grãos cerejas;

g) — aumento e estabilização da produção em níveis razoáveis, nas lavouras velhas restauradas, porque as condições de vida das plantas se tornam uniformes.

h) — produção do tipo "Mild" — café fino, bebida suave;

i) — melhoria do preço do café, pela produção do tipo "Mild";

j) — desaparecimento da broca e das doenças em razão do desaparecimento de grãos temporões e da maior vitalidade das plantas;

k) — as culturas tomam de fato caráter permanente;

l) — modificação do trato das lavouras com os colonos, desaparecendo as culturas intercalares e sendo adotadas outras medidas de amparo aos operários.

Ficam acima enumeradas vantagens de alto valor econômico para então se destacar uma circunstância importante de aspecto financeiro, que é a possibilidade de estabilizarmos a produção e regular a exportação do café, garantindo divisas para o Brasil, enriquecendo o país, pela facilidade das trocas comerciais em dolares.

Conseguindo obter alta percentagem de produção de cafés finos, tipo "mild", não precisaremos mais bater à porta do consumidor mundial, pedindo para comprar o nosso café; a boa qualidade do produto, que tivermos, fará com que o comprador, venha buscar a nossa mercadoria onde se encontrar. Temos o exemplo da Fazenda S. Pedro, em Caçapava, cujo café tipo mild tem sido vendido à porta, pelo dobro do café comum.

MEDIDAS SOCIAIS

No campo social é preciso acentuar que tendo estudado e adotado medidas que amparam os colonos das fazendas de café, preconizamos não manter nas lavouras cafeeiros a cultura de cereais, de outros pro-

dutos alimentares dos colonos. Aconselhamos aos fazendeiros fornecer-lhes fora das lavouras terras preparadas para as suas plantações, na proporção das áreas que ocupariam nos cafesais. Fomentámos e promovemos a instalação de avários em Amparo e Ribeirão Preto e outras zonas da Mogiana, com o fim de fornecer frangas aos colonos para criação e lava-los a produção de ovos, ou fornecendo frangos para criarem e engordar para os mercados. Recoméndamos que os fazendeiros financiassem a construção dos pequenos aviários, fornecessem as aves, a alimentação, amparassem a produção, arrecadando-a para encaminhar para o mercado.

É indispensável, no caso, a orientação técnica aos fazendeiros, como deu a Mogiana, obtendo-se os primeiros resultados satisfatórios.

Num e noutro caso podem-se melhorar os recursos dos colonos, ampliando o seu nível de vida e proporcionando-lhes maiores rendas. Sem contar que no caso da avicultura emprega-se parte dos terreiros de café, atualmente sem utilização, mantendo as aves em regimem confinado; além do aproveitamento do estrume das aves, de grande valor como fertilizante para os cafezais. Valemo-nos desta vantagem em S. Paulo e nos Estados do Rio.

É preciso não desprezar o papel das crianças, filhas de colonos, que podem ser industriadas atravez dos Clubs Agrícolas, das Escolas primárias, aprendendo várias práticas da campanha que abordamos. Experimentamos o concurso das menores, especialmente no trato dos viveiros.

FINANCIAMENTO

A campanha para ter pleno sucesso requer o amparo dos lavradores, pela facilidade do financiamento. A cultura do cafeeiro realizada pelos processos explicados, ou restaurada pela maneira indicada, representará um bem patrimonial de caráter permanente e que poderá oferecer seguras garantias aos prestamistas. O Banco do Brasil, pela sua Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, poderá concorrer para o amparo dos fazendeiros, quer para os seus trabalhos em torno do café e quer no tocante a instalação de aviários.

No caso da formação de novas lavouras de café, o prazo das operações poderá ser de cinco anos, no da restauração de lavouras velhas, três anos. Será preciso baixar instruções especiais. Tão interessantes foram as demonstrações que realizamos em Itaperuna, que o Gerente da Filial do Banco do Brasil, naquela cidade, e que assistiu os debates da reunião de lavouras que ali promovemos, prontificou-se a distribuir uma monografia que escrevemos e amparar de modo especial os agricultores que adotassem as medidas que ali foram preconizadas. Continuada a iniciativa, amparados tecnicamente os lavradores, ficarão êstes garantidos e o Banco do Brasil terá assegurado o êxito das operações que fizer.

Ao tempo em que trabalhámos no Fomento na Mogiana, foram defendidos contra a erosão para mais de 500.000 cafeeiros e formados cerca de 60.000 cafeeiros novos em terras velhas, só no município de Guaxupé, em Minas Gerais.

No Estado do Rio de Janeiro, formaram-se, pelo Plano de Restauração de Culturas Permanentes, que dirigimos na Secretaria de Agricultura, cerca de nove lavouras novas, em terras velhas e de derribada, pertencentes ao Estado e a particulares; foram mantidos 18 viveiros; distribuiram-se sementes e mudas de cafeeiros e de ingazeiros aos lavradores.

Em consequência da campanha realizada, 90 lavradores do Estado do Rio, pediràm-nos que levassemos até às suas propriedades as medidas que adotamos em favor do café. Igualmente 21 outros, principalmente dos Estados de Minas Gerais, do Espirito Santo e de S. Paulo, pediram-nos sementes e mudas de ingazeiros e instruções sôbre a matéria, obrigando-nos a escrever verdadeiras monografias para responder às suas perguntas. Entre essa correspondência, duas cartas merecem referência especial, ambas de lavradores mineiros: um pediu-nos que lhe enviassemos as classificações e respectivas descrições botânicas dos ingazeiros; e o outro, que continuassemos a colaboração no Boletim da superintendência do Serviço do Café de S. Paulo; esses fatos mostram o nível intelectual dos nossos lavradores e o seu interesse pelos novos processos de cultura que preconisamos.

O governador de Santa Catarina está interessado em realizar no seu Estado um trabalho equivalente ao que empreendemos no Estado do Rio de Janeiro.

Tanto no Fomento, da Companhia Mogiana, como no Plano de Restauração de Culturas Permanentes, do Estado do Rio de Janeiro, realizámos trabalhos de equipe, com o pessoal que reunimos e preparámos no primeiro empreendimento.

Destruir é muito fácil... Construir é que é difícil!

Para deitar abaixo uma árvore, pelo machado ou pelo fogo, o senhor leva apenas algumas horas. Mas, para formá-la, terá em empregar muitos anos!

Estamos ficando sem árvores! Se o senhor não as quer plantar para si, porque demanda muito tempo, plante-as ao menos para os seus filhos ou seus netos!

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. Mendes Sobrinho
Engenheiro-agrônomo, Subdivisão de Estações Experimentais, Instituto Agrônomo, Campinas.

(Continuação)

2.5.3 — A CULTURA DO CAFÉ

2.5.3.1 — História e origem do cafeeiro

Os cafeeiros cultivados em Uganda pertencem a duas espécies: COFFEA CANEPHORA (**Café robusta**) e COFFEA ARABICA (**Café arábica**). Diversa é a história dessas espécies no Protetorado.

A) Café ROBUSTA. É encontrado no estado selvagem nos distritos de Toro, nas florestas de Buganda e nas de Zóca, em Acholi. No Sudão Anglo Egípcio, próximo à fronteira com a Uganda, também ocorre a forma selvagem. Embora tenha havido introduções de variedades desta espécie, em Uganda, ela é espontânea em tôda a África tropical, onde aparece em meio às florestas do tipo equatorial, densas, e nas galerias florestais, nas zonas de savana, invariàvelmente, à sombra de outras árvores. Segundo Chévalier [1], o ROBUSTA é espontâneo ao sul e ao norte do Equador, desde o nível do mar ((Gabon), até a altitude de 1.300 metros, como é o caso de Uganda. A história relata que o café, ainda hoje, não é usado entre os nativos, como bebida habitual. Exepcionalmente usam-no como excitante. Stanley, em "Através do Continente Negro", não menciona o café. Os frutos da rubiácea colhidos verdoengos e postos a secar, encontram largo emprêgo no hábito que os nativos têm de os mascar. Entre as oferendas de visitantes há sempre certa porção de café para mascar. E o rito ainda é observado no país. Não obstante, o cafeeiro não era cultivado até os últimos dias do século passado. Os frutos eram colhidos de cafeeiros selvagens, nas matas. O primeiro núcleo de cultivo do ROBUSTA foi estabelecido por indígenas das ilhas do Arquipélago de Sese, no Lago Vitória, em águas territoriais da Província de Buganda. Essa atividade agrícola tinha por fim produzir café de mascar, que constituiu artigo de ativo comércio entre os cultivadores e os povos da terra firme. O café, como artigo de exportação para bebida, aparece na pauta aduaneira do país pela primeira vez em 1902, procedente das ilhas do lago. A exportação mal começa a crescer, experimenta um arrefecimento, resultante das primeiras produções de café ARABICA que fora introduzido no Protetorado, em 1900. Só em 1918 volta o ROBUSTA a ser alvo de interêsse, ante o fracasso do ARABICA, consequente à moléstia das fôlhas, causada pelo fungo HEMILEIA VASTRATRIX. Em 1923 o govêrno do Protetorado estabeleceu um plano de incentivo ao desenvolvimento do ROBUSTA, ante a evidência da impossibilidade

[1] "Les Caféiers du Globe". 4.ª Edição, Paris, 1929.

da cultura do ARABICA, em altitudes inferiores a 1.500 metros, acima do mar. O maior e mais primitivo centro cafeicultor das ilhas Sese foi extinto por volta de 1907, quando o govêrno fez evacuar o arquipélago, devido à epidemia de doença do sono que ali se manifestou. A partir de 1925, foram estabelecidos viveiros de mudas para distribuição gratuita aos nativos, nos distritos de Mengo, Entebe e Masaca. Acompanhados do agrônomo do distrito de Mengo, Mr. G. Wrigley, visitamos o viveiro e campo de demonstrações de Campala. A relação, a seguir, nos mostra quais os principais centros produtores de ROBUSTA de Uganda e a expansão que a cultura experimentou ali, em um período de dez anos, sob o influxo da política de encorajamento do govêrno.

DISTRITOS	ÁREA EM CULTIVO	
	1925	1935
	HA	HA
Mengo	16	1701
Entebe	52	2430
Masaca	68	2309
Toro	0	486
TOTAL	136	6926

Fonte: — "Agriculture in Uganda". Editado por J. D. Tothill. Londres 1940.

Conforme nos relataram, as plantações de robusta expandiram-se, constantemente, até 1950, quando começou a manifestar-se concorrência de necessidade de espaço, para culturas alimentares. O ROBUSTA é das regiões úmidas, portanto mais férteis e, consequentemente, mais densamente povoadas e onde a produção de alimentos se sobrepõe a qualquer outra atividade.

A) Café ARABICA. A história desta espécie principia em Uganda, no século atual. A primeira introdução foi feita pelo govêrno, com uma variedade da Niassalandia. Um lote de cafeeiros plantado em Entebe, produziu satisfatòriamente em 1904. No ano seguinte, a safra dêsse mesmo cafèzal, com meio hectare, foi de 800 quilos de café beneficiado, que corresponde a uma produção de 133 arrobas por mil pés. Entre 1901 e 1903, foram introduzidas variedades de outras procedências e entre elas, o BOURBON da ilha do mesmo nome, do arquipélago de Reunião, no Oceano Índico e o nosso MARAGOGIPE. Diante dêsses primeiros resultados tão promissores, a cultura do ARABICA, estimulada pelo govêrno, espandiu-se, entre os nativos, nos distritos de Mubende, Toro, Ancole e Buguicho. Não houve qualquer preocupação com a altitude dos lugares para o estabelecimento das plantações. A área cultivada cresceu extraordinàriamente. Europeus começaram a se estabelecer como cafeicultores no Protetorado. Já em 1913 a superfície das plantações se elevava a 5265 ha. Com o estabelecimento dos cafèzais pelos europeus em Masaca, Mubende, Busoga, Bunioro e Toro, o café passou ao posto de produto chave, nessas circunscrições

territoriais. Em 1915 a área aumentou para 6.800 ha, dos quais 2.000 em cafeeiros associados, ou melhor, sombreados com seringueiras (HEVEA BRASILIENSIS). A produção de café ARABICA para exportação, que era inexistente até o terceiro ano dêste século, alcançou, em 1915, a casa das 600.000 sacas beneficiadas. Entretanto, já no ano seguinte, o diretor da agricultura de Uganda formulava a primeira referência quanto à impropriedade do país para o cafeeiro da espécie arabica. E, de fato a partir de 1920 a cultura começou a declinar: nesse ano a área tocara ao auge, com 8.400 ha. Em 1925 caiu para 6.800 ha; em 1930 declinava para 5.500 e em 1935 resbalara para 2.400 ha. Êsses números se referem às culturas de alienígenas, mas o bastante para pôr em evidência o fracasso do arabica em Uganda. As plantações dos indígenas sofreram redução mais severas ainda, por serem êles agricultores muito primitivos. A estatística de 1947 registrou uma área de apenas 1.418 ha, plantados com o çafeeiro arabica no Protetorado. Atualmente a cultura se acha pràticamente limitada ao Distrito de Buguicho, na fraldas do Monte Elgon, em terrenos com altitudes variáveis entre 1.600 e 2.300 metros acima do nível do mar. Segundo nos informou Mr. R. C. Woods, gerente da "Bugishu Coffee Marúeting Company", pràticamente tôda a produção de arabica de Uganda é trabalhada na usina de Bululu, que está sob sua direção. E, a quantidade de café ali despolpado e sêco, anda ao redor de 3.000 toneladas anuais de "casquinha" (coffee parchment), que correspondem a 45.000 sacas de café beneficiado de 60 quilos. Êsse volume representa 12% da exportação do café do Protetorado.

Um rápido balanço na história do café em Uganda, permite as seguintes conclusões:

A exploração do café para a exportação e o estabelecimento de culturas para o mesmo fim, tiveram início com o advento da administração inglêsa.

A HEMILEIA determinou a estabelecimento de duas zonas cafeeiras bem distintas: a das terras altas para o ARABICA e a das terras baixas para o ROBUSTA.

O fracasso do ARABICA nas terras baixas determinou o desaparecimento das "European plantations" em Uganda.

Confiando o ARABICA às terras altas e achando-se estas superpovoadas, de há longa data, por nativos, tôda a cultura pertence a indígenas e sua área se restringiu consideràvelmente, por causa da concorrência da agricultura de alimentação.

Não será demais mencionar que dois outros fatôres somaram os seus danosos efeitos aos da moléstia da fôlha, para completar o fracasso do cafeeiro ARABICA nas regiões menos elevadas do Protetorado: a LUMBUGU dos indígenas (DIGITARIA SCALARUM), gramínea rizomatosa que nada fica a dever, como praga da lavoura, à nossa famigerada tiririca (CYPERUS ROTUNDUS) e ANTESTIA LINEATICOLLIS), hemíptero sugador dos frutos do cafeeiro, cujo vulto dos estragos relega os da broca do café (HYPOTHENEUMUS HAMPEI) para plano de importância muito inferior.

2.5.3.2 — Espécies e variedades cultivadas

Conforme vimos, pertencem a duas espécies os cafeeiros cultivados em Uganda.

A) **Variedades do robusta** — Ou variedades do COFFEA CANEPHORA — **Grupo Robusto.** Chavalier [1] filia a êste grupo diversas formas existentes em Uganda, e que foram descritas sob as denominações de: **Café Kouilou; Robusta, Café de Bukoba, Café Niaouli, Café de Uganda** e **Café de Maclaud.** Conforme tivemos oportunidade de constatar, os agrônomos inglêses, da África, reunem tôdas essas formas sob a designação genérica de ROBUSTA. Estabelecem distinção para duas formas: robusta ERECTA e robusta NORMAL. O primeiro se diferencia do segundo pela formação de ângulos muito agudos na inserção dos ramos laterais com a haste principal (fig. 5-B). O robusta NORMAL, apresenta ângulos abertos na junção dos ramos. Entretanto, quando cultivado, tem a sua estrutura original alterada pela poda gobiada (fig. 5-C).

B) Variedades do ARABICA. Os cafeeiros desta espécie resultam de um cruzamento natural entre as primitivas variedades importadas, isto é, o arabica da NIASSALANDIA e o das ilhas Bourbon e Mauritias. Segundo fomos pessoalmente informados pelo entomalogista da "Kawanda Experiment Station", Mr. A. P. Michelmore, o govêrno do Protetorado promoveu, em 1934, a introdução das seguintes variedades: HARRAR, de Quênia; KENT, da Índia; BLUE MOUNTAIN, de Quênia; SAN RAMON, MOKKA e PADANG, de Amani em Tanganica.

C) **Coleção de variedades.** Na "Kawanda Experiment Station", percorremos a coleção de variedades do estabelecimento. Interessava-nos, sobretudo, a obeservação, in loco, da intensidade da infestação da hemileia nas diferentes variedades, sobretudo nas do ARABICA. Os nomes que vamos citar foram fielmente copiadas das taboletas indicadoras, colocadas no início de cada fileira de cafeeiros da coleção. As observações, em seguida a cada nome, são as constantes de nosso diário e foram anotadas no próprio lugar, no curto espaço de tempo que uma visita dessa ordem permite:

"Coffea Arabica de Rume" — Sudan — Regularmente atacado pela HEMILEIA.

"Coffea Arabica-Babook" — Sudan — Bastante atacado pela HEMILEIA, plantas amareladas e algumas sucumbindo.

"Coffea Bengalensis" — Java — Das 10 plantas da fileira, só resta uma, porém atacadíssima pela HEMILEIA.

Wild Robusta" — Rowenzori — É um robusta ERECTA e se encontra em muito boas condições.

"Coffea Kapakata" — Mais parecendo uma mirtácea, assemelhando-se à nossa pitangueira, bastante atacado pela HEMILEIA.

Coffea Hybrid-5" — Híbrido de ROBUSTA x EXCELSA com o LIBERICO (informação do nosso acompanhante). Êste cafeeiro lembra muito o CAFÉ DE TERRA ROXA da coleção do Instituto Agronô-

---

[1] "Les Caféiers du Globe". 4.ª Edição, Paris, 1928.

mico de Campinas, pelo tamanho, côr das fôlhas e aspecto geral da planta.

"Hybrid-3" — ARABICA x ROBUSTA (informação de um nativo auxiliar de agrônomo, que nos acompanhou para mostrar a coleção). Muito semelhante ao nosso "ANGUSTIFOLIA". Não notamos ataque pela hemileia.

"Coffea eugenioides" — Não apresenta plantas atacadas pela hemileia.

Coffea stenophyla" — Bem atacado pela hemileia.

Coffea Dybowiskii"

Na "Bugusege Experiment Station", estabelecimento especialmente dedicado à experimentação do cafeeiro ARABICA, no Monte Elgon, região do Buguicho, não há coleção de variedades de café.

D) Observações sôbre variedades de café

Variedade Kent — Esta variedade pertence à espécie COFFEA ARABICA. Na Estação Experimental de Cavanda há um lote desta variedade, formado com material importado da Índia, onde fizemos as seguintes observações: plantas individuais no compaço de 3m x 3m; embora atacado pela HEMILEIA se achava em bom estado, mas quase desprovido de produção (fig. 6-A). As fôlhas dêste cafeeiro são muito semelhantes às do nosso bourbon, porém um pouco mais longas. A estrutura geral da planta se assemelha à variedade TYPICA (Café nacional). Os brotos terminais são invariàvelmente de côr roxa. Não constatamos ataque de broca nem de antestia. O diretor da estação experimental, Mr. J. D. Jameson, nos declarou ser impraticável o cultivo do café Kent na altitude de Cavanda, por causa da HEMILEIA, no que foi acompanhado pelo entomologista do estabelecimento, Mr. A. P. G. Mechelmore.

Na estação experimental de Bugusege, notamos que na maioria dos ensaios a variedade utilizada era a Kent. Em um lote, com 4.000 pés individuais, semeados em 1947 e levados para o lugar definitivo em 1948, observamos o seguinte: poda de formação **"multiple stem"**; espaçamento de 2m x 2m; sobreamento (CORDIA ABISSINICA), que é uma árvore nativa da região, plantada de 12m x 12m; ótimas condições de enfolhamento e de produção; discreto ataque de hemileia; frutos em início de maturação, cuja carga estimamos em 3 litros de café em cereja por pé; plantação estabelecida em terra velha, que havia estado em descanço, vegetada com capim elefante, há seis anos. Ainda na mesma estação experimental, observamos um outro lote de café Kent, porém, com 7 anos sôbre o qual fizemos as seguintes anotações: aspecto magnífico; desenvolvimento ótimo para a idade; ataque de hemileia sem importância econômica; discreta infestação de broca do café; produção pendente estimada em quatro litros por árvore; poda de formação "multiple stem".

2.5.3.3 — Zonas cafeeiras de Uganda

No capítulo anterior nos referimos à zona baixa e à zona alta: a primeira com possibilidades de produzir apenas o café ROBUSTA, produto de qualidade inferior, e a segunda, desfrutando do previlégio de produzir cafés ARABICA.

A) **Zona do robusta — Altitude** — A faixa em que ocorre esta espécie e onde se pratica o seu cultivo, fica entre as altitudes de 800 e 1.600 metros. **Solos** — Constatamos a cultura sempre em solos vermelhos os "red earth" ladeirentos, que vertem para o Lago Vitória, nos quais o pH das camadas superficiais não é inferior a 6. **Umidade** Medra bem o ROBUSTA nos lugares onde a coluna pluviométrica não é inferior a 1.000-1.200 mm. O quadro 2 mostra que em Campala, em plena zona do **ROBUSTA**, a média anual em 15 anos é de 1.117 mm, assim como o Entebe, outro centro cafeicultor da espécie, a média de 50 anos é de 1.454 mm de chuva. **Temperatura** — Os dados meteorológicos destas duas cidades, quadro 3, revelam as seguintes médias em 15 anos: Campala, mínima de 15,3°C e máxima de 23,1°C; Entebe, mínima de 20,5°C e máxima de 22,2°C. **Território geográfico** — O grande massiço cafeeiro da zona baixa de Uganda começa na fronteira de Quênia, na Província Oriental e vai até a divisa de Tanganica, na Província de Buganda, sempre contornando o lago, como um cinturão cuja linha de fundo se desenvolve mais ou menos em harmonia com o contôrno do lago. Foge, entretanto, a essa regularidade no Distrito de Mengo, onde a faixa se aprofunda para o norte, acompanhando uma ocorrência de solos vermelhos que, em forma de cunha, avança naquela direção. A fronteira do ROBUSTA, oposta ao lago, é determinada pelo maior ou menor volume de chuvas, ou seja, pelo horizonte fitogeográfico que marca o extremo da zona da floresta do tipo tropical e o comêço da savana. Há ainda limitada área de ROBUSTA nas adjacências do Lago Alberto, no Distrito de Bunioro, onde as condições naturais se assemelham às descritas. A carta geográfica de Uganda (figura 2), revela que um vasto trato de seu território possui condições ambientes favoráveis ao cultivo do café ROBUSTA. Entretanto, aquêle fator limitante, a que já nos referimos, que é a necessidade cada vez maior de terras para a produção de alimentos, aparece como concorrente do café e, aos poucos, há de ir eliminando esta cultura, como outras cujos produtos se destinarem à exportação.

B) **Zona do Arábica — Altitude** — Além do maior núcleo produtor do Monte Elgon, há a considerar um pequeno centro, no Distrito de Toro, nas dobras elevadas do Ruvensori. Em um e outro local, o café **arábica** pode ser cultivado com sucesso, entre a altitude mínima de 1.600 e máxima de 2.300 metros, acima do mar. **Solos** — Em qualquer dos dois núcleos produtores, os terrenos são vulcânicos, já que se encontram sôbre elevações dessa natureza, alcalinos e, significativamente ladeirentos. **Umidade** — O quadro 2 registra, para a localidade de Mbale, que se acha ao pé do primeiro contraforte do Monte Elgon, uma coluna pluviométrica com altura média anual de 1.157 mm em 37 anos. Quanto à distribuição das chuvas, na região, Mr. R. K. Tremlett, que é o chefe da estação experimental de Bugusegue, nos forneceu os seguintes informes, referentes ao estabelecimento que se sitúa mesmo no centro da zona cafeeira do Elgon: quantidade anual de chuvas, 1.375 mm; início das águas em março; mês mais chuvoso, abril; declínio lento das chuvas, até os últimos dias de outubro, quando se finda a estação das águas. Visitamos a região no dia 23 de junho. Embora não chovesse, há dias, a pujança da vegetação, tipo da flora,

deu-nos a impressão de lugar muito mais úmido que realmente é. Possìvelmente a riqueza de solo, sua proximidade ao equador e altitude, aliadas à distribuição das chuvas é que emprestam ao local aquêle aspecto de ar saturado de umidade. **Temperatura** — O quadro 3, revela que, em Mbale, em um período de 13 anos, as médias de temperatura oscilaram entre as mínimas de 21,5°C e as máximas de 24,1°C. **Território geográfico** — Além do Monte Elgon, ao qual está de fato circunscrita a cultura do arábica e o inexpressivo núcleo do Ruvensori, houve tentativas, sempre infrutíferas, de extensão da cultura nessas montanhas, no Distrito de Ancole, bem como nas de Mufumbiro e noutras do Distrito de Quiguesi. Não obstante o estímulo do Departamento de Agricultura, ao desenvolvimento da cultura nessas regiões de altitude elevada, com a instalação de viveiros e distribuição gratuita de mudas aos nativos, a cultura do ARABICA fracassou por causa do **antestia,** a terrível praga do cafeeiro.

2.5.3.4 — Tipo da propriedade e sistema de exploração

Constituem exceção em Uganda umas poucas plantações de europeus e de indús. A produção cafeeira do Protetorado provém de pequenas propriedades de agricultores indígenas. Os técnicos do Departamento de Agricultura nos informaram que, para uma superfície de 6.500 ha, de plantações maiores, se contrapõem 60.000 ha de pequenas lavouras de nativos. Quando nos dirigíamos de Campala para Jinja, a 12 km da primeira destas cidades, atravessamos duas lavouras de ROBUSTA de cafeicultores indús, sombreadas com seringueira e, por sinal, em ótimas condições. Durante a nossa estada em Campala, visitamos "sítios" de nativos cultivadores de café, na zona rural da cidade. Foi nosso acompanhante e intérprete o agrônomo distrital de Mengo, Mr. G. Wrigley. Destacamos de nosso diário de viagem e passamos para aqui as seguintes notas, referentes à propriedade do nativo Nassanayd Sary, por nos parecer bem representativa do tipo do pequeno cafeicultor da zona baixa:

A) **Caracterização da propriedade — Tamanho** — Seis hectares, pràticamente 2½ alqueires de 24.200 m². **Utilização da terra** — Três e meio hectares em cafèzal, com 1.700 pés de ROBUSTA e o restante em roças de banana, batata doce, mandioca e milho. **Benfeitorias** — Uma casa de morada (figura 6 C), de barrote, com revestimento interno e externo bem "desempenado"; telhado de zinco, de quatro águas; alpendre na frente e nos lados do prédio, descançando sôbre colunas de madeira, denunciando influência árabe; caiação branca, interna. A cobertura de zinco e as paredes de barrote, são uma consequência da pobreza, de argilas figulinas, o que é típico da África e, daí a falta de indústria de cerâmica e a necessidade de importar cimento quando se trata de edificação de certa importância, como sedes de govêrno, de departamentos administrativos, etc. A casa de Nassanayd possui mobiláirio europeizado, cuja qualidade e tipo regulam com o de sitiantes nossos, porém, incomparàvelmente melhores que o comum de nosso operariado rural. A impressão geral do interior da casa é de assêio e ordem. Ao lado da moradia do nativo havia uma edificação também

de barrote, porém coberta com fôlhas e colmos de capim elefante, dividida internamente em dois compartimentos, servindo de estábulo. O gado ali é prêso durante a noite, como também nas horas mais quentes do dia, a fim de livrá-lo dos cardumes de moscas que o atormentam. O estábulo não tem janelas, a fim de que o seu interior se conserve escuro e pouco desejável aos mosquitos. Mesmo assim, de quando em vez, é necessário fazer fumaça no seu interior, queimando estrume do gado, para afugentar os pernilongos que para ali se dirigem. Verificamos que apenas 20% das habitações, da zona visitada, são do tipo que descrevemos. As 80% restantes não passavam de tapéras de fôlhas de coqueiro, como as casas de nossos caboclos. **Meios de Transporte** — Os homens da casa possuem bicicletas que suprem a falta de uma montaria. A criação de equinos e azininos é proibida por lei, por causa da tse-tse. Todos os produtos são levados ao mercado em bicicletas. As estradas de Uganda são muito bem conservadas e regorgitam de ciclistas. E' usual êstes levarem um companheiro ou o filho no guidão e a sua companheira na garupa, ou as três pessoas substituídas por sacos de café, cachos de banana etc. E' tão generalizado o uso da bicicleta no país, que os ônibus, que transitam de uma cidade para a outra, posuem dispositivo adequado na coberta do veículo, para o transporte da bicicleta do passageiro. Os prêtos mais abonados possuem motocicletas.

B) **A Cultura do café no sítio de Nassanayd**

Variedade: "Robusta normal".

Espaçamento: Variável de 4m x 4m e 5m x 5m, entre covas, com uma só planta.

Densidade: Média de 500 pés por hectare, ou 1.200 por alqueire.

Defesa do solo: Valetas, não em nível, cavadas alternadamente, cada 4 ruas, procurando cortar as águas do terreno. As dimensões dessas pequenas valas são as seguintes: 0,25m x 0,70m x 5,00m.

Sombreamento: Esparsos exemplares, dispostos ao acaso, de uma árvore a que os indígenas chamam de **mutura** (**Ficus** sp.). De um modo geral, essas árvores que pouco sombream, estão distantes de 25 a 30 metros umas das outras.

Tratos culturais: O terreno estava preparado para a colheita e muito se assemelhava ao de nossos cafèzais, quando coroados. O chão raspado e o mato amontoado em cordões altos.

Adubações: A pequena produção de estêrco do gado, 5 cabeças ao todo, é aproveitada para estercação de cafeeiros. Constatamos ainda a existência de um sistema de latrinas, constando de uma cova de secção retangular aberta no vão de quatro cafeeiros, tendo os bordos longitudinais protegidos por paus roliços, que tornam a abertura quase fechada para evitar a entrada de moscas. Ali as pessoas da família defecam, adubando os pés de café e evitando a propagação de verminosis. Quando a fossa se enche é fechada com terra e, em seguida, aberta uma outra, e assim por diante.

Pragas e moléstias: Esta lavoura não apresentava pragas nem moléstias.

Produção pendente: Muito bôa, havendo galhos vergados ao pêso da carga de frutos (figura 5 D). O nosso acompanhante nos informou que a safra do ano era muito bôa, porque chovera satisfatòriamente, 10 meses antes, por ocasião da florada, da qual resultara aquela produção.

Colheita: A época regular vai de novembro a janeiro, sendo comum uma pequena catação durante todo o ano. Quanto ao modo de fazê-la, informou-nos o proprietário do sítio que a executa, como os demais agricultores, em jacás de talas de capim elefante. Devido à falta de madeira, o colmo desta gramínea é uma espécie de pau para tôda a obra, na costa Oriental africana. Êsses recipientes são alçados ao pescoço dos colhedores, por meio de correias de couro, ficando à frente do operador, à altura do peito onde êle deposita os grãos à medida que os vai colhendo. Os lavradores mais caprichosos juntam, à mão, o café que, da árvore, cai naturalmente sôbre o chão.

Preparo do produto: As cerejas, depois de colhidas a dedo, são postas a secar em terreiro de chão, à porta das casas.

Média de produção: Gira ao redor de 540 quilos de café beneficiado ou 36 arrobas, ou ainda, 27 sacos de café em côco de 100 litros por mil pés.

Comercialização do café: O produto é vendido em côco a intermediários, invariàvelmente indús, em postos fiscalizados pelo govêrno, situados nas encruzilhadas das estradas. Há dias certos para os "mercados indígenas", a fim de que os agentes do govêrno presenciem as transações para que os preços mínimos estabelecidos pelo "Coffee board" sejam respeitados pelos compradores.

Valor e custo da produção: O produtor ignora o custo da sua produção.

Preço para o café: O preço mínimo e único vigorante na ocasião de nossa visita, era de Cr$ 91,50 para cada 40 quilos de café em côco, sêco. Na conversão a cruzeiros, tomamos o esterlino da África Oriental Inglêsa, a Cr$ 52,00.

C) **Cafeicultor nativo**

Família: A família do camponês, cujo sítio estamos descrevendo como típico da região, era composta de 8 pessoas, o velho Nassanayd, um filho adulto, a mulher, duas filhas moças e três crianças (figura 6 C).

Indumentária: Na Província de Buganda, os prêtos andam bem vestidos: as mulheres com vistosos panos ramados, mas com a maior parte do busto nú; os homens usam túnicas brancas, sôbre calças e camisas comuns. Os mais conservadores trazem a cabeça coberta com um "fez" azul ou vermelho. Contudo, já se vê muito prêto vestido à inglêsa.

Alimentação: São os seguintes os alimentos, por ordem de importância: banana amarga de cosinhar, batata doce, mandioca e milho. Produzem e consomem também amendoim e certa quantidade de leite.

Capacidade de trabalho: No sítio de Nassanayd Cary, para tomar conta e tratar meio hectare, com 200 cafeeiros e a terra correspondente para a produção alimentar, são necessários um homem, uma mulher, dois meninos e uma menina. E' preciso notar, entretanto, que na África Central, segundo a tradição cultural compete à mulher o

trabalho do campo. O homem é quem comercía os produtos da terra e do labor da sua companheira.

Aparência física: Na Província de Buganda, os prêtos são corpulentos, homens ou mulheres e aparentam bôa saúde.

Hospitalidade: As visitas são recebidas com sorrisos e o dono da casa traz logo o livro de presença para que nêle se assine o nome. Os homens estão mais europeizados que as mulheres, pelo menos na vestimenta, não obstante ser o povo de Uganda dos mais conservadores do centro da África. Sôbre muitos aspectos, a impressão que se colhe, sem um exame mais profundo, é a de que os prêtos do país são mais civilizados que o nosso caboclo. Entretanto, o que não deixa dúvida, é que a capacidade de evoluir do nosso matuto, mestiço de prêto ou de índio, é incomparàvelmente maior que a do negro desta parte mais civilizada do centro da África.

As notas que colhemos se referem a um nativo cafeicultor, próspero. Não muito distante de Campala, na zona rural de Jinja, cidade à beira do lago, visitamos uma família de sitiantes plantadores de algodão. Só não contrastava de seu patrício pela apresentação do livro de visitas e pelos modos hospitaleiros, como que nos recebeu. E senão vejamos:

Proprietário do sítio: Petero K. Maruta. O primeiro nome sugere influência portuguêsa. **Número de pessoas da família** — Dez. **Moradia** — Cubata de secção cilíndrica, barroteada e coberta de sapé, sem janelas para manter-se escura, por causa das moscas, desprovida de móveis, a não ser uma mesa tosca, algumas panelas pelo chão, em meio a lama, sujeira e odôr intoleráveis. **Agricultura** — Algodão e culturas alimentares de banana "finger millet", batata doce, mandioca. Tôdas essas culturas, com exceção da bananeira, são praticadas em uma promiscuidade incrível, com péssimas sementes, do que só pode resultar uma baixíssima produtividade.

Dias depois, em viagem para o Congo Belga, caminhamos em sentido contrário, contornando o lago para sudeste. Até pouco além de Masaca, as lavouras de café dos nativos iam se sucedendo. Se por um lado eram um pouco maiores do que as de Campala, em compensação se apresentavam menos cuidadas, amareladas e com árvores disformes, supomos que, por falta de poda de formação ou por serem da variedade ERECTA. Em todo o percurso de Campala a Masaca, com 180 km, só vimos uma lavoura nova, com 300 ou 400 pés. Bem ou mal tratadas, variando pouco em tamanho, as plantações de café dos nativos não perdem a sua feição de „**cultura de quintal**" ou de "**roda de casa**".

(Continua)

Resumos e Transcrições

O ÁCARO DOS CAFÈZAIS

(Comunicado do Instituto Biológico)

Apareceram na Noroeste, desde Valparaizo até Presidente Alves e no Rio Feio até Marília e também na zona da Mata da Alta Paulista e mais recentemente em Xavantes e Luiz Pinto, infestações de variável intensidade de ácaros.

Estas ocorrências foram verificadas tanto em cafèzais que vinham recebendo tratamentos inseticidas contra a broca do café e o bicho mineiro, como também em lavouras que nunca receberam polvilhamentos ou pulverizações. Mesmo cafeeiros abandonados dentro de capoeiras foram encontrados atacados.

Do exame no Instituto de materiais de cafeeiros, fôlhas, dessas procedências foram identificadas duas espécies de ácaros fitófagos: Paratetranychus e ununguis Jacobi, 1905 — Tanuipalpus phoenicis Geijskes, 1939. A primeira espécie é a abundante nos materiais examinados e a causadora dos estragos nas fôlhas.

O ataque se manifesta aos observadores pelo bronzeamento da página superior da fôlha, a princípio pouco aparente perdendo o brilho, ganhando um tom opacado, depois escurecendo em bronzeado, dando impressão de chamuscado por frio. Os ácaros rustem a superfície da fôlha e a oxidação de exudações celulares e morte de células levam ao bronzeamento.

Quando as fôlhas apresentam sintomas de clorose de deficiência alimentar o bronzeamento combinado com estas manifestações, agrava o aspecto, dando uma aparência definhada à folhagem.

Quanto ao modo de combate, há dados na literatura indicativos de que estes bichos só proliferam amplamente no tempo da sêca, diminuindo ou mesmo desaparecendo no tempo das chuvas. Deste modo o emprêgo de inseticidas poderia ser muito restringido principalmente nas culturas perenes como os cafèzais.

Conjuntamente com os ácaros fitófagos acima apontados foram verificados ácaros predadores que combatem os primeiros com relativa eficiência.

Não é a primeira vez que se verifica ataque de ácaros, pois em Julho de 1950 houve um ataque em 20.000 cafeeiros em São Manuel, havendo extensão do surto por contrôle natural, provàvelmente pelos ácaros predadores que foram observados na mesma ocasião.

Este ano haverá casos de ataques intensos em algumas fazendas, e, supondo-se possível uma sêca prolongada, normal nesta época do ano, de Abril a Outubro conviria empregar enxofre finíssimo na base de 40 quilos de enxofre diluídos em 60 quilos de talco, isto é, o chamado enxofre a 40% no comércio de inseticidas. Este tratamento foi verificado eficaz no momento, mês de Julho; entretanto como há grande falta de enxofre experimentamos maiores diluições tais como a 15% — 20% e 25%.

RESUMO E PORCENTAGENS:

Talhão	TEMPO DA VERIFICAÇÃO	N.º de árvores verificadas	N.º DE FOLHAS, ASSINALADAS PELA PRAGA — VERIFICADAS			ACAROS ENCONTRADOS				Porcentagem de ácaros vivos
			Com ácaro vivo ou morto	sem ácaro	Total	Mortos	Intoxicados	Vivos	Total	
N.º 1 (40%)	24 horas após o polvilh.	41	39	21	60	456	3	—	459	0,0%
	TESTEMUNHA	13	11	10	21	4	—	107	111	96,3%
N.º 2 (25%)	24 horas após o polvilh.	50	59	15	74	608	10	10	628	1,5%
	TESTEMUNHA	13	11	10	21	4	—	107	111	96,3%
	48 horas após o polvilh.	50	50	6	56	649	7	6	662	0,9%
	TESTEMUNHA	10	10	4	14	5	—	194	199	97,4%
	72 horas após o polvilh.	50	50	2	52	611	—	—	611	0,0%
	TESTEMUNHA	10	10	—	10	6	—	164	170	96,4%
N.º 3 (20%)	24 horas após o polvilh.	50	49	42	91	684	13	28	725	3,8%
	TESTEMUNHA	12	12	1	13	7	—	277	284	97,5%
	48 horas após o polvilh.	50	51	16	67	595	—	21	616	3,4%
	TESTEMUNHA	10	10	1	11	4	—	126	130	96,9%
	72 horas após o polvilh.	50	50	8	58	475	—	3	478	0,6%
	TESTEMUNHA	10	10	—	10	5	—	250	255	98,0%
N.º 4 (15%)	24 horas após o polvilh.	55	54	12	66	309	7	25	341	7,3%
	TESTEMUNHA	20	18	7	25	17	—	109	126	86,5%
	48 horas após o polvilh.	53	53	30	83	287	—	6	293	2,0%
	TESTEMUNHA	9	9	—	9	9	—	110	119	92,4%
	72 horas após o polvilh.	50	49	33	82	378	1	7	386	1,8%
	TESTEMUNHA	10	10	1	11	3	—	144	147	97,9%

Em seguida uma fôlha explicativa em anexo mostra os resultados das experiências feitas na Noroeste, repetidas em duas fazendas com resultados concordantes.

Esta nova dosagem significa uma economia de 15% de enxofre que além de escasso é caro no momento.

Quando o agricultor queira tratar ao mesmo tempo, bicho mineiro e ácaro poderá empregar agora com propriedade a mistura 1-25, isto é 1 de isômero gama do BHC e 25% de enxofre.

Na inspeção geral dos cafèzais atacados por ácaros verifica-se que as reboleiras fracas dos cafèzais, as beiradas de caminhos tomaram um aspecto definhado, enquanto que os cafèzais vigorosos e bem enfolhados pouco desmereceram em aspecto.

Novas observações e experiências poderão acrescentar mais amplos conhecimentos sôbre o comportamento desta praga no futuro; temos em vista como bastante importante literatura que menciona o período chuvoso como contrário e inibidor do desenvolvimento dos ácaros, o que logo se poderá verificar com a entrada das águas.

Outros acaricidas poderão ser tentados também para o contrôle nas épocas de sêca nos ataques mais severos, não se despresando a oportunidade de usar um asarícida como o enxôfre quando houver necessidades de outros tratamentos na época sêca, pois assim se aproveitará prevenir surtos de ácaros.

Os Inspetores do Instituto Biológico e os Agrônomos Regionais estão ao corrente do que se refere ao presente surto de ácaros, aliás em algumas localidades já em regressão enquanto que em outras em período inicial.

Joaquim Ferraz do Amaral
(Chefe da Secção de Assistência Fitossanitária).

CONSERVAÇÃO DO SOLO

JOSÉ SETZER
(Do "Correio da Manhã" do Rio)

Os primeiros estudos científicos do solo datam no Brasil de 1887, ano em que D. Pedro II fundou a Estação Agronômico de São Paulo, em Campinas, que alguns anos mais tarde mudou de nome para o atual Instituto Agronômico de Campinas. A fundação da Estação Agronômica não teria grande significação no sentido de estudos de solo, se D. Pedro II não tivesse nomeado diretor dela um dos mais famosos pedólogos do mundo daquele tempo, o prof. dr. F. W. Dafert, que antes de vir ao Brasil para assumir o pôsto, havia publicado o melhor tratado geral de Ciência do Solo da época, o "Bodenkunde". É possível que o exame do livro tenha decidido o ilustrado monarca a fazer a escolha, que mais tarde se mostrou tão feliz.

Os dados obtidos pelo dr. Dafert e publicados nos relatórios anuais de 1888 a 1893 da Estação Agronômica foram os melhores do País durante cêrca de 30 anos, tanto do ponto de vista científico, como prático, de aplicação direta no melhoramento de solos e de colheitas, principalmente para a lavoura cafeeira.

Poucos dados de valor científico foram obtidos depois de Dafert até 1936, quando começou o levantamento agro-geológico sistemático do Estado de São Paulo, organizado em bases modernas e sob os pontos de vista dos mais sólidos do mundo. Êste serviço, apesar de lutar com dificuldades burocráticas, continua mantendo o Instituto Agronômico de Campinas na vanguarda do estudo científico do solo no Brasil.

Hoje existem diversos serviços bem organizados, estaduais (São Paulo, Paraná, Minas, Rio Grande do Sul, Estado do Rio, Pernambuco) e federais, êstes no Rio, em Pelotas, na Paraíba e em Belém. Mas o Brasil continua um dos países atrasados em matéria de estudos pedológicos sistemáticos de envergadura nacional, se compararmos as necessidades com o que realmente se produz. As principais causas desta situação podem ser assim enumeradas: enorme extensão territorial, existência de vastidões de terras cultiváveis à espera de colonização, fato êste que mantém baixas as necessidades de melhoramento das terras cansadas, baixo nível de cultura da população rural (falta de procura de dados técnicos), baixo nível econômico que impede aplicação de dinheiro em corretivos, adubos e mecanização e modernização da agricultura, baixo padrão de vida da população rural que vive muito atrasada na avaliação das suas necessidades e capacidades de produção, e, especificamente, a inexistência da cadeira de Pedologia nas escolas de Agronomia.

Nas cadeiras de Química Agrícola, Geologia Agrícola ou Agricultura geral, certos professôres de algumas das escolas dão bons cursos de solo num dos dois semestres, e nas demais cadeiras êste assunto não pode ser evitado, mas isto não prova que o currículo normal não deva incluir cadeira, cujo assunto seja exclusivamente o solo, como é de

praxe nos Estados Unidos e nos países mais adiantados do mundo em geral. Se o assunto solo fôsse melhor estudado, talvez mais numerosos seriam os pedólogos, e mais fácil seria a obtenção e a coordenação dos dados pedológicos brasileiros.

Mas o comêço do conhecimento dos principais tipos de solos já está sòlidamente lançado e diversas idéias erradas já receberam esclarecimento insofismável.

O MITO DA FERTILIDADE

Um dos aspectos mais importantes revelados pelos estudos modernos é o desmentido cabal da crença antiga e contraproducente de que o solo brasileiro é de grande fertilidade geral. Sabe-se hoje que os solos verdadeiramente ricos ocorrem em pequenas manchas espalhadas pelas partes sul, central e leste do País, não totalizando mais que meio por cento da área total. São solos originados por eruptivas básicas, sedimentos calcáreos, antigos tufitos vulcânicos, sempre rochas pobres de sílica e ricas em cálcio. Estas características são essenciais para que o solo possa resistir à lixiviação promovida pelo clima úmido e intensificada sobremaneira pelas temperaturas altas.

Tal tipo de clima empobrece o solo, mas ao mesmo tempo ajuda a vegetação que pode ser verdadeiramente luxuriante, extasiando o forasteiro ao ponto de levá-lo à afirmação de que "a terra é dadivosa e boa" e que "plantando, dá" por mais exigente que seja a cultura. Mas o indígena sabe que tôda essa massa vegetal, fechada e alta, contém, plantas indicadoras de solo pobre, e que bastam algumas queimadas para que se estabeleca franco predomínio da samambaia, do sapé, da "barba-de-bode" e de outras plantas desoladoras.

O solo virgem é rico de matéria orgânica, mas quìmicamente pobre e ácido. Quando deixa de ser virgem, segue uma evolução rápida no sentido de imobilização do fósforo e líxiviação do cálcio, do potássio e do magnésio, enquanto os microorganismos drenam o azoto e volatilizam os restos de húmus, não aparecendo novas porções de matéria orgânica pela destruição da sua fonte que era a mata luxuriante.

Com o recente avolumar-se dos dados analíticos modernos do solo vindos de diferentes regiões do País, sentimos desilusões amargas, mas conforta-nos a idéia de que começamos a compreender melhor o mal e sabemos qual o remédio acertado. De agora em diante o diagnóstico falso não provocará terapêuticas erradas, e as aparências não esconderão a saúde abalada do paciente. O problema agora começa a ser de natureza diferente: devemos tratar sem perda de tempo o maior número possível de doentes.

O mal, aliás, não é grave e os remédios não são mais complicados ou dispendiosos que nas outras partes do mundo, contanto que o médico não seja chamado demasiadamente tarde. Continuando esta comparação entre a Pedologia e a Medicina, deveríamos dizer, mais pròpriamente, que no geral não se trata de doença, mas de necessidade de certa dieta, higiene, repouso, precauções, aliás, que estão merecendo os solos de todos os países adiantados do mundo, em que não se cultiva gleba alguma sem constantes aplicações de corretivos e de adubos.

Êste é o principal preceito da conservação do solo. A fórmula geral para o Brasil consiste em primeiro lugar de matéria orgânica, adubação verde, contrôle da erosão, abolição total da queimada, rotação de culturas com descansos intermitentes. Em segundo lugar vem o calcáreo em pó, de que necessitam todos os solos dos diversos tipos de clima úmido, com ou sem estiagem. Sòmente em 3.º lugar, "the last but no the least", vem a adubação pròpriamente dita. E sòmente vindo depois dos cuidados antes mencionados é que a adubação química produziria os grandes aumentos de colheita de que realmente é capaz e que até hoje só raramente tem produzido entre nós.

Esta nova fase da Pedologia brasileira, em que começa a se esboçar o verdadeiro quadro da natureza, da evolução e das necessidades gerais do solo em escala nacional, coincide com um novo fato na agricultura paulista e dos Estados vizinhos inclusive Goiás e Espírito Santo: uma rápida e enorme valorização da terra. Uma das causas dessa extraordinária valorização deve ser o aumento vertiginoso do preço do café. Outra causa deve ser a valorização da mão-de-obra. Parece-nos, entretanto, que existe, conjugada, uma outra fôrça agindo neste sentido: é o fato que a onda dos desbravadores do sertão, que partiu do litoral e rolou para o Oeste deixando atrás de si terras cansadas e estragadas, atingiu finalmente os limites da área de ocorrência de terras mais ou menos aproveitáveis para o café, fazendo subir repentinamente a tensão resultante do receio de não mais encontrar terras novas.

Achamos que a cultura que está provocando esta tensão só pode ser o café, pois nenhuma outra vale 16 mil cruzeiros a tonelada e pode pagar o frete até o litoral, ainda que tenha de viajar 1.500 km. O frete do algodão é mais caro, o volume por unidade de pêso é maior, a exigência de braço é muito grande, e a tonelada não custa mais que 10 mil cruzeiros. Nenhuma outra cultura comum pode entrar em cogitação neste particular.

Para esta tensão só há uma válvula de escapamento: voltar atrás e aprender a arte de restaurar a fertilidade das terras estragadas. E é aí que entra em ação a Pedologia, felizmente fortalecida pelo surto recente de pesquisas sérias que levou a cabo e que está executando e planejando para execução imediata em escala cada vez maior.

E, fèlizmente, o mesmo clima tropical úmido, que se lança, como um abutre sôbre a terra do lavrador imprevidente e despreocupado, pode constituir um valioso auxílio ao lavrador cuidadoso e obediente à técnica moderna, pois a chuva é o alimento primordial da planta, e as altas temperaturas lhe condicionam crescimento rápido e pujante.

ORIENTAÇÃO PARA A FORMAÇÃO E RESTAURAÇÃO DOS CAFEZAIS

(Da "Folha da Manhã" de S. Paulo)

Após quase dois decênios de crise, volta a lavoura de café a constituir o mesmo atrativo que levou o paulista a organizar a maior plantação da apreciada rubiácea no mundo. Parece que o tão esperado e almejado "equilíbrio estatístico" é plena realidade. Os estoques do D.N.C. não mais existem e a produção não será tão grande como se esperava. Esta a razão por que novos cafèzais estão sendo plantados pelos lavradores paulistas, em São Paulo e no norte do Paraná. De outro lado, procura-se restaurar a produção dos velhos cafèzais como emprego de fertilizantes químicos e principalmente de "composto" e outros adubos orgânicos.

Atualmente, a situação da lavoura é muito boa, esperando-se dias cada vez melhores dentro dos próximos anos. Urge, porém, que métodos mais racionais sejam adotados na formação dos novos cafèzais. Infelizmente, nem todos os problemas relacionados com a vida do cafeeiro estão devidamente esclarecidos, pois os trabalhos experimentais não se realizaram no ritmo e nas proporções que seriam de desejar. O Instituto Agronômico de Campinas, o importante departamento encarregado da experimentação e pesquisas agronômicas em São Paulo, não tem sido devidamente amparado pelos órgãos superiores. Nos últimos anos, êsse estabelecimento tem passado por verdadeira crise, e só a dedicação e o esforço de seus técnicos têm evitado graves consequências para a lavoura do Estado.

Se muitas questões não estão devidamente estudadas e esclarecidas, como por exemplo a do sombreamento, um grande progresso foi realizado no que diz respeito ao melhoramento das variedades, à conservação do solo, ao combate às pragas, à fertilização, etc..

A fim de esclarecer os lavradores interessados na formação de novos cafèzais, a Seção de Café, do Instituto Agronômico, procedeu a uma síntese de tudo quanto foi realizado em suas estações experimentais, trabalho êsse que transcrevemos na íntegra, para orientação dos interessados.

ESCOLHA DO LOCAL

Em primeiro plano figura a escolha das terras, que devem ser de boa qualidade, o que é atestado pelos padrões existentes, muito conhecidos dos lavradores práticos. A altitude tem também que ser observada, não convindo formar cafèzais em locais muito baixos, que seriam fàcilmente atingidos pela geada. Em último lugar vem a escolha da face, devendo-se sempre dar preferência àquela que não fôr castigada pelo vento dominante na região (em geral vento sul). Se não houver possibilidade de usar a melhor face, deixa-se uma faixa de mato que proteja a plantação, ainda que precàriamente, dos efeitos nocivos dos ventos.

ESCOLHA DA VARIEDADE

Para terras de derrubada recente, deve-se preferir a variedade "Bourbon", que é grandemente produtiva e exige terrenos muito férteis. Deve-se procurar obter a semente em boa fonte, isto é, em uma fazenda em que se cultive essa variedade e na qual existam talhões em plena produção ,onde seja fácil verificar se a variedade não está misturada com outras. As sementes devem ser colhidas das melhores plantas e preparadas cuidadosamente para o plantio.

PREPARO DAS SEMENTES

As sementes podem ser preparadas de duas formas: em côco e em pergaminho. No primeiro caso, faz-se a colheita do café em cereja e procede-se à secagem à sombra. No segundo, colhido também o café em cereja, é em seguida despolpado, ligeiramente fermentado (durante 10 ou 12 horas) e cuidadosamente lavado; em seguida, a secagem é também feita à sombra. As sementes despolpadas germinam mais ràpidamente e permitem uma distribuição melhor nas covas.

É preciso que as sementes sejam obtidas com a necessária antecedência (de abril em diante), tendo-se em vista que poderá haver falta na ocasião da semeadura.

PREPARO DO TERRENO

O terreno deverá ser convenientemente preparado. A mata será derrubada, aproveitando-se tanto quanto possível a madeira de lei existente. O ideal seria não se fazer a queimada. Se se proceder assim, ter-se-á poupado uma grande quantidade de matéria orgânica no solo. Se fôr imprescindível recorrer-se a êste meio de desatravancamento do terreno, convirá procurar atear fogo após um período de chuva, para que a queima tenha apenas o papel que se lhe quer dar: o de eliminar o excesso de tranqueira existente.

ALINHAMENTO

Até muito recentemente tôda a lavoura cafeeira de São Paulo era plantada em alinhamento, seja em quadra ou em quincôncio, sem a menor preocupação em defender o terreno da erosão. Se não fôr viável a plantação em linhas de nível, o cafèzal será alinhado em quadro, dentro de talhões prèviamente delimitados. Cada talhão não deverá exceder de uns 5 mil cafeeiros, todo tabelado, para haver facilidade na distribuição de serviço, no estabelecimento de contratos, na colheita etc..

PLANTAÇÃO DE LINHAS DE NÍVEL

Muito mais racional do que o plantio em alinhamento rígido é a distribuição das plantas no terreno de acôrdo com as linhas de nível. Para isso, tiram-se linhas básicas, com aparêlho de engenharia ou com o nível de borracha. A distância de uma linha básica até a seguinte é

determinada pela inclinação do terreno e pelo tipo do solo. Já há tabelas para isso. A êste respeito, pode ser consultado o trabalho sob o título "Conservação do Solo", de autoria do agrônomo J. Quintiliano de Avelar Marques, do Instituto Agronômico de Campinas.

COVEAMENTO E SEMEAÇÃO

Determinado o modo de se plantar, far-se-á o coveamento. As covas devem ter no mínimo 40 x 40 x 40 cm.

A semeação é feita na cova em duas linhas paralelas, colocando-se 10 sementes em cada linha, ou sejam, 20 na cova, bem distribuidas. A melhor época é a de outubro-novembro, logo depois de bem iniciadas as chuvas. As covas devem ser bem feitas para evitar que caia terra, o que impediria a germinação normal das sementes. Deve, também ser feita uma arapuca para proteção das mudinhas, durante o seu primeiro desenvolvimento, dos raios diretos do sol.

A semeação do café se faz aproximadamente a 10 cm de profundidade na cova. Por sôbre as sementes coloca-se uma camada de apenas um centímetro de terra.

DESBASTE

Depois de as sementes terem germinado e quando já com certo desenvolvimento, não havendo mais perigo de perdas, faz-se o desbaste, deixando 4 a 6 plantas por cova. O critério a adotar é o de que devem permanecer as plantas mais vigorosas e tanto quanto possível melhor distribuição na cova, preferindo-se as mais afastadas, para que se forme um pé de café bem aberto.

CULTURAS INTERCALARES

Seria preferível não fazê-las. No entanto, na atualidade isso é absolutamente impossível durante o período da formação do cafèzal. O contrato com os empreiteiros deve estipular, claramente, que depois do quarto ano será feita a entrega da lavoura, sem qualquer permissão para culturas intercalares.

É preciso ter sempre em mente que qualquer cultura intercalar no cafèzal é absolutamente prejudicial.

DEFESA CONTRA A EROSÃO

Depois de recebida a lavoura, se não foi plantada em curva de nível, é preciso que se inicie imediatamente o serviço de defesa contra a erosão. O melhor sistema é o das curvas de nível ou cordões em contorno. Também aqui a distância entre uma curva e outra é estabelecida pelo tipo do solo e inclinação do terreno, havendo tabelas para se fazer o cálculo.

Se não se puder fazer todo o serviço em um ano, faz-se em dois ou três, iniciando-se sempre pela parte mais alta do terreno e descendo com êle até atingir as partes mais baixas.

O lavrador de café não deve esquecer que a erosão rouba mais elementos fertilizantes do solo do que qualquer colheita.

ADUBAÇÃO

Mesmo tratando-se de lavoura nova, não se deve deixar de adubá-la. Do oitavo ano em diante, quando o cafèzal entra em plena produção, é preciso que se restituam os elementos que vão sendo exportados com a produção. Nessa ocasião, deverá ser consultado o agrônomo regional, para se saber como proceder.

Desde logo, porém, deve ficar bem claro que tôda a palha de café e tôda a matéria orgânica disponível na fazenda (bateduras de outras culturas, sarapilheiras, etc.) deve retornar ao cafèzal.

Nessa ocasião também é preciso que se organize a produção de estêrco, o que poderá ser feito com a construção de mangueirões onde o gado pouse preso.

COBERTURA DO SOLO NO TRATO DOS CAFÈZAIS

VALDIR BITTENCOURT CARVALHO

É um processo simples, adotado por vários sitiantes e que tem produzido excelentes resultados. Consiste em cobrir o solo com uma camada composta de palha de milho, samambaia, sabugos, bagaços, sapé e matérias similares. Além do função que exerce como adubo orgânico, atua como protetor do solo, trazendo excepcionais benefícios aos cafèzais. A experiência demonstra que o sol ardente não prejudica os cafeeiros, quando suas raízes são protegidas com o "acolchoamento protetor", conservando, no solo, amena temperatura. Proteger o solo, é proteger as raìzes do cafeeiro. E, nas raìzes, está a vida da planta. O cafeeiro exige que se proteja a parte que lhe permite retirar, da terra, as substâncias alimentares necessárias à sua vida. Assim, munido, enfrenta os raios solares, as chuvas torrenciais, a instabilidade de tempo e outras vicissitudes, com aquele porte distinto e trazendo na copa, o viço, caraterístico dos vegetais sadios.

Os que quiserem adotar este processo, poderão proceder da seguinte maneira: transportem para o cafèzal as matérias inservíveis na localidade, como samambaia, barba de bode, sapé, palha, sabugos de milho, cascas, etc., com excessão de resíduos que contenham sementes ou vegetais que possam germinar. Espalhem entre os cafeeiros, de sorte que o solo fique protegido com essa camada contra os rigores do sol, a erosão e outros fatores nocivos à planta. As terras lavadas pelas águas pluviais, em consequência do desleixo do proprietário, que não se preocupou com o combate à erosão, encontram, na cobertura do solo, meio seguro e fácil para sua restauração. O solo esgotado, esteril, pode voltar à exuberância de outrora, bastando, apenas, que o homem aprenda a "trabalhar a terra" e não explorá-la.

Na reabilitação dos cafèzais, a cobertura do solo produz resultados maravilhosos. Vi cafeeiros com mais de setenta anos, situados nos pontos mais elevados e castigados pela erosão, com o viço que lhe é caraterístico e produzindo tanto quanto os novos, localizados em terras ferteis e com ligeiro declíve. Vi cafeeiros quase centenários com excelente produção e com o vigor dos primeiros anos. A adoção do sistema de cobertura do solo é medida segura para o restabelecimento dos cafèzais. Porque, protegendo as raìzes do cafeeiro, evitando a erosão e enriquecendo a terra, vai, aos poucos integrando a planta nos elementos de que precisa para voltar à robustez antiga. Dir-se-ia que o "acolchoamento" e a adubação orgânica constituem o "soro" ideal para conservar o cafeeiro sempre esbelto e produtivo. — (Do " OComércio" — Pirajú, e "Bragança — Jornal", de Bragança Paulista).

O Polvilhamento do Cafezal com B. H. C. deve ser feito no momento do transito da broca

OS POLVILHAMENTOS TARDIOS SÃO RESPONSÁVEIS POR INÚMEROS INSUCESSOS VERIFICADOS NO COMBATE À BROCA — QUANDO SE TORNA NECESSÁRIO UM TERCEIRO POLVILHAMENTO

(Do "Correio Paulistano" de S. Paulo)

A broca do café, como já é do nosso conhecimento, atravessa um período crítico, em que não há condições favoráveis para reprodução, abrigada dentro do próprio fruto do café. Depois das grandes floradas, quando aparecem frutos com certo desenvolvimento os "chumbinhos" o que se dá de outubro em diante conforme a região do Estado, as brocas fêmeas abandonam os grãos sêcos da safra remanescente, que lhes serviram de abrigo.

Uma vez fecundadas essas fêmeas, procuram alojar-se nos frutos verdes, transitando sôbre as fôlhas, hastes e frutos, para cavar sua galeria e reiniciar a postura.

Êsse trânsito será tanto maior quanto maior fôr a infestação do ano anterior do cafèzal. O tratamento deve ser iniciado quando o ataque da broca nos frutos novos é de cinco por cento, mais ou menos. Neste momento o trânsito é evidente. O inseticida B. H. C. aplicado neste momento provoca alta mortalidade tanto dos insetos que emergem dos focos de infestação deixados na lavoura, como daqueles que já se acham cavando a galeria para postura.

É aconselhado nesta ocasião quando o ataque é de cinco por cento, aplicar-se uma mistura de hexacloreto de benzeno a 6% e talco em pó na proporção de um para cinco, o que dá uma concentração de um por cento do princípio ativo, ou seja, do isomero gama do hexacloreto de benzeno.

Quando a infestação é maior, é aconselhado uma mistura cuja concentração seja de 1,5%. O tratamento, como já dissemos, deve ser feito na época certa, para evitar insucessos.

Vantagens do Tratamento Iniciado na Época Certa

O técnico do Instituto Biológico Carlos A. Seixas, enumera as seguintes vantagens do tratamento quando iniciado na época certa:

1 — Época do ano em que se verificam estiadas propícias ao tratamento de grandes áreas;

2 — A broca, que já infestou o fruto verde, penetrou-o apenas superficialmente, sendo fàcilmente morta pelo B. H. C., enquanto que o

maior número de indivíduos será intoxicado quando em trânsito sôbre a planta;

3 — A passagem dos veículos conduzindo polvilhadeiras é viável por estar concluida a esparramação do cisco.

Feito o primeiro polvilhamento, o segundo deve ser executado após chuva forte que tenha lavado o pó inseticida, cêrca de 12 a 20 dias após a primeira aplicação. Temos notado em várias propriedades que dois polvilhamentos feitos em épocas oportunadas reduzem a população da broca a um mínimo que dispensa uma terceira aplicação de inseticida, que deverá, no entanto, ser feita se fôr observada a penetração de novos frutos.

Feita a primeira aplicação de inseticida, quando se verifica o início do trânsito, deve-se manter a planta tratada para reduzir a infestação inicial dos indivíduos que atravessaram o período de entre-safra, fazendo-se o terceiro polvilhamento sòmente se fôr necessário. Após a segunda aplicação de inseticida, pode-se proceder ao exame de amostras dos frutos sêcos remanescentes da colheita a fim de se verificar se o número de indíviduos aí localizados justifica mais um tratamento ou se a maior parte dos frutos já foi abandonada. Havendo necessidade, a terceira aplicação deve ser praticada 30-40 dias após a segunda.

(Do "Correio Paulistano" de S. Paulo)

CAFÉ E ESTERCO DE GALINHA

Antonio Carlos Corrêa

(Do Jornal de Notícias de S. Paulo)

No momento em que choca a orgulhosa tradição de São Paulo a irreverente fecundia do novo Paraná, sente se antes de tudo a apreensão justificável pelo deslocamento centro-agro-economico do Brasil.

Os nossos cafeeiros antigos não podem competir com a fôrça fertil das plantações das matas virgens que se iniciaram em Ourinhos, Jacarezinho, Cornélio Prócópio e se estenderam sertão a dentro, enquanto a lavoura paulista apresenta uma quase proibição de restauração ou nova formação de cafezais diante do custo da empresa e seu resultado duvidoso no que concerne à garantia de uma produção elevada ou mais ou menos compensatória. Há sempre a concorrência de volume na produção paranaense que permite certa elasticidade nos gastos do trato, concedendo por isso possibilidade ao lavrador de poder lá, com sobras, enfrentar a concorrência do braço obreiro, e chamá-lo para si, com a oferta de salário melhor proporcionado pelas colheitas certas e abundantes, sem que possam interferir os paulistas, com o seu cafezal exhaurido. Estabelece-se entrementes, a situação desiquilibradora do êxodo.

Ao procurar solucionar a questão que envolve sério problema à vida econômica do Estado abalando mesmo a sua estrutura na hegemonia político-administrativa do país, vislumbra-se, porém, com rara felicidade, que São Paulo ainda poderá manter em seu punho de lider a chave mestre da arca que encerra o maior tesouro nacional.

E' que num toque de magia, as desprezadas terras das zonas velhas — ditas cançadas —, se rejuvenescem e voltam dadivosas, com as mesmas autoras radiosas das colheitas no começo do século.

O reencontro de sua feracidade se faz perante a riqueza composta do "guano" de galinha.

Permite assim o resíduo orgânico da avicultura moderna, aquilo que até então não entrava na renda da criação de aves, a restauração completa e revolucionária dos cafezais definhados, dentro de nosso Estado, com um índice de produtividade tal, que por certo derrubará opiniões já assentadas e aceitas como verdade irredutível, aspergidas com o insenso oficioso, de que café só dá em terra nova e no Paraná. A recuperação produtiva do solo velho é tão extraordinária com a introdução do incremento de galinha que se assistirá dentro em pouco à reedição do espetáculo esplendoroso dos antigos cafezais paulistas, transformando as atuais estradas e margens despidas no saudoso carreador de café, a acompanhar sempre perfilado, sempre verde, sempre presente o viajor.

E' no consorcio da exploração avícola com a cafeicultura que o lavrador encontrará o denominador comum para a solução ideal na reconquista rápida, prática e altamente remuneratoria de sua propriedade agrícola.

Não mais veremos, por certo, a plantação extensiva, porém implantar-se-á a de cunho mais científico, visando a boa qualidade e produção controlada, ou seja, a norma progressista de plantar tanto quanto possa muito bem cuidar o lavrador. Leva-se em conta agora não o valor em sí, mas o rendimento unitário, frente ao custo de produção. Exatamente aqui prevalecerá a ancestral capacidade e energia realizadora do nosso povo, que enfrentará sombranceiro todo o ímpeto jovem da jovem lavoura paranaense, porquanto terá em suas mãos os trunfos da melhor qualidade, da economia de frete, da organização comercial, das colheitas fartas, e precipuamente de uma rede de transportes e vias de comunicação para um escoamento privilegiado.

Sabendo-se que bastará um quilo de "guano" de galinha para um pé de café por ano, diante das excelsas qualidades dêsse adubo observa-se que é êle muitas vêzes superior ao "composto" ou ao esterco de curral, e, sabendo-se mais que as galinhas de raça pesada (New Hampshire) produzem de 18 a 20 quilos de esterco puro por ano; e, sabendo-se ainda mais que a avicultura é uma exploração rendosa dado o crescende consumo de aves e ovos e que o esterco produzido pelas aves até há pouco não era objeto de comércio; temos que os residuos das aves é um elemento à parte nos negócios das granjas e por pior que seja a capacidade do fazendeiro em criar galinhas — o esterco, — portanto um invejável adubo intrinsicamente mais completo, sái de graça para sustentar a colheita certa de seu pé de café.

Entre: o adquirir fertilizantes químicos, fatores de ressecamento das já lavadas terras de zona velha, a preços elevados; e a administração dêsse adubo orgânico, representado por um quadro completo de compostos nobres, que proporciona a umidificação do solo e seu imediato enriquecimento, concorrendo também para o desenvolvimento da flora bactereológica, obtido gratuitamente; cremos não haja preferência na escolha e sim a compreensão meridiana que manda se eleja o "guano" mesmo quando fôsse o mais caro dentre os fertilizantes, mormente quando é gratuito.

A visão da fôrça produtiva do estêrco de galinha é tão atual e tão próxima, que as colheitas das grandes plantações atuais serão fàcilmente suplantadas pelas pequenas lavouras que se utilizem dêsse rezíduo aviário, levando-se em conta ainda a facilidade em tocar poucos pés para fazer frente às dificuldades crescentes encontradas na mão de obra rural.

Veremos por certo a volta do elástico a se rebentar sôbre aqueles que se alongaram Paraná a dentro no afã da terra virgem, em que a carestia do plantio do café desapareceria ante a cobertura da safra abundante.

Mas até quando suportará o sertão agreste e hostil, embora produzindo, a São Paulo todo confôrto, também produzido? Poderá lutar contra o confôrto que se exprime por escolas, higiene, assistência médico-social, eletricidade e bem-estar?

E' uma porfia a descoberto, mostrando a calva do sertão bruto.

Entrando novamente São Paulo no seu rítmo antigo de produção, agora num sentido mais vertical, mais firme e racional, comandará novamente o mercado da bebida — dólar, com

todas as vantagens de um centro infinitamente mais aparelhado, mais rico em vias de comunicação e transporte, capacidade a produzir o melhor e o mais barato; eis que se encontra armado para enfrentar qualquer luta em disputa: do volume, da qualidade, do preço.

Nessa simbiose galinha-café, ambos de vida rural, encontra o fazendeiro paulista, dentro de casa, um tesouro ora revelado.

Costumeiramente vinha o fazendeiro criando o seu gado com exclusivo objetivo de se aquinhoar com o estrume, que se destinava à adubação do cafezal.

Mas, da análise procedida nesse estêrco se aquilata sua inferioridade gritante quando em confronto com o quadro analítico do "guano" de galinha.

Está fora de dúvida que a prática de produzir o chamado estêrco de "curral" constitue hoje um processo altamente dispendioso para a lavoura do café.

Dispendioso em seus vários aspectos:

a) — A manutenção obrigatória de dezenas de cabeças nos pastos imobiliza o valor enorme correspondente à terra ocupada que, se utilizava com outra finalidade, ou simplesmente arrenda, mostrará obviamente, o exorbitante preço pago a um estêrco da segunda ordem que mal dá para a quarta parte da plantação;

b) — Há disparatada despesa com mão de obra na confecção e utilização do estêrco de curral. E isso tanto é mais importante, quando se conhecem os preços dos salários e a agravada dificuldade em conseguir braços.

De um lado — na preparação do estêrco de vaca — vamos encontrar o carroceiro a puxar diàriamente o capim para fazer a massa. Aí já somamos as despesas com camarada, veículo, arreios e animais, sua conservação e manutenção.

Na época de puxar o adubo para o campo mais carrega palha e água a carroça que pròpriamente estêrco. Há muito volume e pouca qualidade. A cova para receber essa palhada deve ser grande de molde a que pela quantidade se passar suprir sua inferior qualidade.

A abertura de uma cova grande, pé por pé, acarretará grandes despesas além do risco sempre presente da ofensa à raiz.

A carga da carroça dará para poucos pés de café à vista da quantidade necessária do estêrco que se utilizará, multiplicando-se as viagens.

Eis aí, o retrato constante, fiel e corriqueiro a ilustrar o album da adubação do cafezal pelo velho sistema de estercação de nossas fazendas.

Volvendo agora os olhos para o sistema revolucionário do processo café-galinha, depararemos com um panorama essencialmente prático e econômico, e, o que é transcendental, com resultados surpreendentes na restauração ou formação da lavoura em nosso Estado. A queda da colheita paulista é alarmante, e com ela o regime deficitário das propriedades rurais advindo daí o abandono dessa plantação e consequente corrida rumo à terra dos pinheiros.

Mas, com a rescoberta do fazedor de colheita — o estrume de galinha, — exercerá São Paulo o controle do mercado do café ameaçado que estava de ser ultrapassado nestes cinco anos pelo seu vizinho de terras novas.

O estêrco de galinha possui os elementos mais nobres e próprios à rubiácea, cobrindo tôdas as suas necessidades, reclamadas pelas folhas, flores e frutos, com a proeminente vantagem de ser oriundo da pura matéria orgânica animal.

Dado o seu alto e concentrado poder fertilizante bastará um quilo por pé e por ano, redundando disso enorme economia na mão de obra, pois, como uma carroça carregada de estêrco de galinha adubar-se-á uns 400 cafeeiros e com estêrco de curral não se adubará mais de 30 pés; um homem que faria umas 100 covas por dia para receber o estêrco de vaca, fará umas 300 para o "guano".

As vantagens apresentadas pelo resíduo de criação de galinha ao fazendeiro de café são tão extraordinárias que dentro em pouco deveremos possuir uma soberba avicultura em função de excepcional café.

Finalizando, podemos dizer que uma lavoura bem cuidada, devidamente protegida da erosão com estêrco de galinha, produzirá fàcilmente de 100 a 150 arrobas por 1.000 pés, em qualquer das nossas chamadas zonas velhas. Essa prática permitirá que o lavrador mantendo uma lavoura de 50.000 pés, com poucos braços, poucas casas, plantação muito bem cuidada, estercação total e anual, tenha a mesma colheita ou maior, que aquele que toca 5 vezes mais de 200 cabeças de gado a 50 alqueires de pasto ocupados, sérias dificuldades com braças e moradia, as carpas sempre atrasadas, a estercação feita sòmente em uma quarta parte do cafezal, portanto custeio caro e colheita infima, em franco regime de deficit apresentando balanço do seu trabalho com resultado negativo ou quando mais feliz a retirada de uma taxa de juros que torna um grande risco o capital empregado, ou pelo menos uma atividade anti-econômica.

Em conclusão, devem os nossos fazendeiros, antigos e novos plantadores de café, meditar sôbre essa excelsa possibilidade de converter suas lavouras desvalorizadas no mais valioso patrimônio agrícola, ressurgindo de suas próprias cinzas com o mais alevantado vigôr, numa demonstração viva de trabalho de recuperação e técnica a servir como exemplo de tenacidade e inteligência de nossa grei aos posteros.

O café visto nos Estados Unidos

N.º 741 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** 7 de Setembro de 1951

SITUAÇÃO GERAL: Observou-se durante a semana o início da expansão nos negócios que tradicionalmente ocorre, neste país, depois do feriado de "Labor Day". Tanto na Bolsa de Valores como nos mercados de produtos primários notou-se o aumento da procura, fato que comunicou firmeza aos índices gerais dos preços. Contudo, não se pode dizer que êsse melhoramento do ambiente geral fôsse ùnicamente devido ao aumento da procura, de vez que também influiram favoràvelmente no ambiente econômico outros fatores, uns de natureza psicológica e outros de natureza exclusivamente econômica. Entre os primeiros merece menção a notável unanimidade de vistas demonstrada pelas nações livres na Conferência de Paz Japonesa em San Francisco. Quanto aos segundos, trata-se sobretudo da decisão anunciada pelo Govêrno de reduzir dràsticamente as quantidades de aço, cobre e alumínio destinadas à produção civil.

Relativamente a êste último fator, o Diretor do Programa de Defesa, Sr. Charles E. Wilson, declarou em Washington que a produção militar ia finalmente entrar numa fase de maior expansão e que por esse motivo a diminuição na fabricação de artigos para o consumo civil — de que tanto se havia falado— ia ser agora uma realidade. O Sr. Wilson acrescentou que a produção de guerra continuará em expansão progressiva e que esse aumento será muito notável no próximo ano. Isso implica para o consumidor que uma enorme quantidade de artigos tais como automóveis, rádios, geladeiras e outros terão que ser sacrificados em favor da produção de aviões, tanques e outras armas, segundo realçou o Sr. Wilson.

Ao comentar sôbre a situação, os analistas do mercado exprimem a opinião de que à vista dos vastos estoques de artigos para o consumo civil, a eventual redução em sua produção não vae ter consequências imediatas inflacionistas, como aliás seria o caso se tais estoques não existissem. Esses analistas predizem que doravante, e possìvelmente até ao fim do ano, a economia geral do país terá de mostrar uma grande estabilidade e que tendências de firmeza vão começar a se sentir logo que os estoques acumulados mostrem sinais de diminuir.

MERCADO DE CAFÉ: Poder-se-ia dizer que a gradual expansão da procura, que se previa a semana passada, começou a fazer-se sentir na terça-feira, particularmente no que respeita ao mercado físico do produto, no qual, segundo se diz, os torradores estão mostrando crescente interêsse. Por consequência, os níveis gerais dos preços recuperaram firmeza durante a semana, retomando, assim, as tendências interrompidas na semana passada.

No têrmo local, as subidas durante a semana foram sensíveis e uniformemente distribuidas em todas as posições, sendo em média de mais de 120 pontos em comparação com os níveis prevalecentes na quinta-feira passada. O volume de operações foi quase igual ao da semana anterior, ao passo que a posição aberta acusava, esta manhã, um aumento de 35 lotes para 2.269 lotes em comparação com 2.234 lotes na manhã de sexta-feira passada.

No que respeita ao mercado do grão, poder-se-ia dizer de uma maneira geral que há mais procura que ofertas. Isso não quer dizer, contudo, que os torradores estejam comprando em grande escala, visto que o seu interêsse é ainda tímido. Porém, há a impressão que em breve as compras serão mais ativas e que a pouco

c pouco os torradores irão aumentando o volume de suas ordens de forma a adquirir o café que necessitam para abastecer o consumo, o qual doravante será cada semana maior.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: O tipo Santos 4 é cotado de 51,25 c/ a 51,50 c/ por lb. F.O.B., mas a cotação mais alta tem predominado. Os cafés colombianos mostram similar firmeza, sendo cotados, para embarque imediato, de 58,25 c/ a 58,38 c/ na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Europa	Outros	Total
		Dados Semanais Destinos Principais			
BRASIL*	1-9-1951	276.000	114.000	38.000	428.000
	25-8-1951	142.000	71.000	27.000	240.000
	2-9-1950	245.000	111.000	36.000	392.000
COLÔMBIA**	1-9-1951	44.292	5.755	1.912	51.959
	25-8-1951	50.376	7.719	—	58.095
	2-9-1950	224.066	11.063	3.425	238.554

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	1-9-1951	25-8-1951	2-9-1950
		Semanas findas em:		
BRASIL*	Santos	1.393.000	1.384.000	1.765.000
	Rio	453.000	459.000	628.000
	Vitória	79.0000	82.000	130.000
	Paranaguá	444.000	474.000	401.000
	Pernambuco	12.000	12.000	14.000
	Bahia	21.000	21.000	26.000
	Angra dos Reis	36.000	32.000	8.000
	Total	**2.438.000**	**2.464.000**	**2.972.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	179.349	184.300	188.224
	Cartagena	67.258	14.545	103.746
	Buenaventura	129.022	94.407	79.444
	Cucuta	93.677	95.153	93.805
	Total	**469.306**	**388.405**	**465.219**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:*

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
1-9-1951	36.169	109.634	41.280	187.083
25-8-1951	45.143	111.573	42.560	199.276
2-9-1950	44.950	111.500	39.122	195.572

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

N.º 36 (Vol. VII) O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 7 de Setembro de 1951

ESTADOS UNIDOS

Os Preços do Café e do Chá têm seguido tendências similares: Da revista "Tea and Coffee Trade Journal", edição de Agôsto último, reproduzimos a seguinte análise comparativa dos preços do café e do chá desde 1913 a 1950: "Os preços do café e do chá tanto no varejo como por atacado têm seguido similares tendências de alta desde 1913 a 1950, segundo os dados compilados pelo Bureau of Labor Statistics do Departamento de Trabalho dos Estados Unidos. Exceptuando dois períodos, a curta depressão de 1921 e os anos de superprodução e crise depois de 1930, a tendência dos preços para ambos produtos tem sido na linha ascendente.

"Os preços do café cru (Santos 4 e Manizales de Colômbia) na base ex-doca Nova York, estiveram firmes desde 1913 e através de 1918 e, com o fim da Guerra de 1914-18, continuaram subindo até que o mercado foi afetado pela depressão de 1921. Durante o período 1923-29 os preços do café cru subiram constantemente até que a superprodução e a crise mundial de 1930 interromperam êsse movimento.

"De 1930 a 1940 os preços do café desceram para os níveis mais baixos dêste século com o Santos 4 nos disponíveis de Nova York a 6¾ /c e oManizales a 7¼ /c em Agôsto de 1940. A Segunda Guerra Mundial e o Acôrdo de Quotas Interamericano melhoraram os preços e, com exceção dos preços tetos do OPA, as cotações do café cru desde então têm subido de maneira ininterrupta.

"Os preços no varejo têm seguido as mesmas tendências e, com excepção de 1921, subiram constantemente de 1913 a 1929, havendo atingido seu preço mais alto de 50,4 /c por libra em 1925. Durante a década 1930-40 os preços do café torrado baixaram tal como as cotações do grão, e em 1941 começaram a subir para os altos níveis de hoje.

"Os preços do chá têm seguido o mesmo movimento dos preços do café. Durante 1918 a 1920 os preços do chá subiram mas em 1921 baixaram, tal como sucedeu aos preços do café, retomando a linha ascendente no período 1923-29. Em 1930-33 a crise mundial e a superprodução causaram a queda dos preços mas com a assinatura do Acôrdo Internacional do Chá, a produção e exportação do produto ficaram sob contrôle e seus preços começaram a melhorar desde 1934. Os preços no varejo para o chá, durante a época em apreço, seguiram as mesmas tendências do mercado importador."

CANADA

As Importações de Café Subiram 16% ao passo que as importações de Chá baixaram durante 1950 — Em correspondência de Toronto, a revista "Tea and Coffee Trade Journal" publicou os seguintes dados sôbre o consumo de café naquele Domínio: "As importações de café durante o corrente ano estão decorrendo a um rítmo mais acelerado do que em 1950. Por outro lado, as importações de chá baixaram. Essa situação é eaxtamente o reverso do que aconteceu em 1950. As importações de chá atingiram, no ano passado, uma cifra "record" ao passo que as importações de café foram inferiores às do ano anterior. Mas essas importações de café, no que respeita a volume, foram mesmo assim bastante grandes para o Canadá, havendo sido excedidas apenas em quatro outras ocasiões.

"Nos primeiros quatro meses do corrente ano, o Canadá importou um total de 33.236.874 lbs. de café contra 25.101.255 no ano passado. Se durante o resto do

ano as importações de café forem mantidas ao mesmo rítmo dos primeiros quatro meses, essas importações deverão atingir a cifra de cem milhões de lbs.

"Devido à grande percentagem de população de origem européia que habita nas províncias ocidentais do Canadá, a dona de casa nessas províncias compra quase o dôbro do café em comparação com as donas de casa nas províncias orientais. Essa informação foi revelada pela American Can Co. em consequência de um estudo sôbre o consumo realizado por todo o Canadá.

"Esse estudo mostrou que nas províncias ocidentais, incluindo Columbia Inglêsa, 84% das donas de casa serviam café pelo menos uma vez por dia. Mas nas províncias marítimas, onde o consumo doméstico da bebida é o mais baixo, apenas 48% das pessoas entrevistadas serviam café uma vez por dia. As províncias de Ontário e Quebec foram consideradas como representando a média; cêrca de 69% das pessoas entrevistadas serviam café uma vez por dia. O consumo mais baixo de café nas províncias marítimas foi atribuido à tradicional preferência pelo chá entre a população de origem inglesa predominante nessa região.

"O estudo da American Can Co. mostrou, também, que o consumo de café no Canadá dobrou desde a guerra. Nos cinco anos antes da guerra, a média das importações de café era 40.310.000 lbs. Tomando a média da população como 12 milhões durante aquele período, o consumo per capita seria de 3,3 lbs. Nos cinco anos, de 1945 a 1949, a média das importações foi de 76.040.000 lbs., indicando um consumo per capita de aproximadamente seis lbs."

EUROPA

Propaganda do Café: Da edição recente do boletim da Federação Nacional do Comércio de Café, da França, reproduzimos o seguinte artigo de seu presidente, Sr. A. J. Arioux: "Desde que as estatísticas revelaram a importância que adquiriu o consumo francês depois do restabelecimento do mercado livre, o comércio passou a falar da propaganda do café. O consumo total na França foi, em 1950, de .... 2.500.000 sacas contra 3.000.000 de sacas em 1939, cifras essas que aconselham a propaganda do produto, sobretudo quando se considera que a população em 1939 era inferior à de 1950.

"Parece, pois, claro que existe a possibilidade de uma intensificação do consumo de café na França se de fato for realizada uma campanha de propaganda inteligente. Uma obrigação de primeira ordem impõem-se antes de tudo: proporcionar ao consumidor um produto de qualidade que estimule seu hábito pela bebida. Sabemos que certos torradores, desejosos de manter a boa reputação de que gozam suas marcas, fizeram já notáveis esforços nesse sentido. Também sabemos que a Federação Nacional dos Torradores está estudando um sistema de "selo de garantia" que deverá ter bons resultados.

É esse um empreendimento que interessa a todo o mundo cafeeiro, desde o produtor e exportador até ao importador e distribuidor, e seria de desejar que se fizesse um esforço conjunto em tal sentido sob condição de que tal campanha de propaganda seja conduzida em escala nacional e não de forma regional ou a favor de determinadas marcas.

"No decurso de minhas conversas com vários homens do café brasileiro tive a oportunidade de chamar a atenção dos nossos bons amigos daquele grande país da América do Sul para a conveniência de uma ativa propaganda nos mercados europeus e especialmente na França com o fim de fomentar o consumo de café.

"O Sr. Mario Rolim Telles, presidente da Sociedade Rural Brasileira, que foi

um dos grandes organizadores da propaganda ao café na França realizada há anos pelo Brasil, mostrou sincero interêsse pelas minhas sugestões. Por outro lado, o Sr. Jacob Guyer está atualmente em viagem de estudo pelo velho continente, tendo já mandado aos seus amigos paulistas várias recomendações sôbre a necessidade de realizar aqui uma intensa propaganda a favor do café em que tome parte o Brasil.

"Os resultados obtidos nos Estados Unidos com a propaganda mostram sua eficácia para a expansão do consumo, qualquer que seja o meio utilizado: imprensa, anúncios, películas ou rádio".

N.º 742 — CARTA SEMANAL DO MERCADO — 14 de Setembro de 1951

SITUAÇAO GERAL: A semana em revista foi caraterizada pela absoluta ausência de acontecimentos que pudessem afetar as tendências gerais da economia. Por um lado, os mercados de produtos primários seguiram o curso indicado pelas espetativas sôbre cada produto. Assim, os produtos agrícolas domésticos mostraram debilidade relativa devida às perspetivas de excelentes safras, ao passo que os metais e óleos continuam mostrando firmeza em consequência da enorme procura provocada pelo programa de defesa.

Por outro lado, a Bolsa de Valores, refletindo as boas perspetivas para a produção industrial, continua mostrando notável firmeza a qual recebeu ainda maior confirmação quando o Senado aprovou, durante a semana, o orçamento de defesa no total de 59 mil milhões de dólares, isto é, apenas 2.000 milhões de dólares menos do que as cifras solicitadas pelo Govêrno.

Durante a semana o Departamento de Comércio também divulgou o fato de que a renda total individual durante o mês de Julho último, foi a mais alta na história, acusando um aumento de 13% sôbre a cifra correspondente ao mês de Julho de 1950. Outrossim, o regresso gradual do público às lojas continuou durante a semana e o Federal Reserve Board informa a esse respeito que as vendas no varejo durante êste ano estão atingindo os níveis correspondentes aos do ano passado, os quais foram bem altos devido ao extraordinário volume de compras do público a seguir a Guerra na Coréia.

MERCADO DE CAFÉ: Em contraste com a contínua estabilidade dos cafés no mercado físico do produto que continua em boa procura por parte dos torradores, as cotações no têrmo local mostraram, durante a semana, uma ligeira instabilidade. Essa falta de firmeza no têrmo foi atribuida, de uma maneira geral, à relativa debilidade sofrida pelos produtos agrícolas domésticos e, em particular, pelas notícias provenientes do Brasil de que havia ocorrido alí uma revisão mais otimista da estimativa sôbre a safra naquele país.

Segundo a imprensa desta manhã ,a procura por cafés crus continua forte e os torradores estão participando no mercado de maneira ativa. Há a impressão nesta praça que o ritmo de operações terá que ser mais acelerado daqui para o futuro, de vez que muitos torradores ainda não conseguiram ajustar seus inventários aos níveis necessários para abastecer o consumo durante a temporada de outono e inverno que se aproxima.

O Contrato "S" na Bolsa de Café desta cidade acusava, na posição imediata de Setembro, um aumento de 30 pontos em comparação com o encerramento da semana passada, refletindo assim a firmeza registrada pelo mercado do grão. Pelo contrário, as posições mais distantes sofreram ligeira debilidade, cêrca de 25 pon-

tos, em consequência dos motivos acima expostos. A posição aberta continuou em expansão, sendo esta manhã de 2.297 lotes em comparação com 2.269 lotes na sexta-feira da semana passada. O volume de transações foi, contudo, inferior ao da semana passada, sendo 419 lotes, ùnicamente.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: À vista da continua procura, os níveis dos preços mostraram grande estabilidade e mantiveram-se dentro dos limites gerais que prevaleceram no fim da semana passada, ou seja, ao redor de 51,50 c/, F.O.B. para c tipo Santos 4 e de 58,25 a 58,50 c/ para as posições disponíveis, sôbre água e embarque imediato dos cafés colombianos.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	8-9-1951	167.000	69.000	25.000	261.000
	1-9-1951	276.000	114.000	38.000	428.000
	9-9-1950	392.000	99.000	49.000	540.000
COLÔMBIA**	8-9-1951	98.129	6.665	2.337	107.131
	1-9-1951	44.292	5.755	1.912	51.959
	9-9-1950	92.798	6.871	4.052	103.721
	Dados Mensais				
BRASIL*	Agosto, 1951 (***)	888.000	380.000	151.000	1.419.000
	Julho, 1951	521.000	344.000	120.000	985.000
	Agosto, 1950	1.095.000	506.000	86.000	1.687.000
COLÔMBIA**	Agosto, 1951	255.794	34.445	6.840	297.079
	Julho, 1951	154.721	5.068	5.775	165.564
	Agosto, 1950	608.414	59.944	13.455	681.813

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 8-9-1951	1-9-1951	9-9-1950
BRASIL*	Santos	1.456.000	1.393.000	1.706.000
	Rio	380.000	453.000	607.000
	Vitória	100.000	79.000	136.000
	Paranaguá	537.000	444.000	441.000
	Pernambuco	11.000	12.000	12.000
	Bahia	21.000	21.000	26.000
	Angra dos Reis	37.000	36.000	14.000
	TOTAL	**2.542.000**	**2.438.000**	**2.942.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	185.983	179.349	167.719
	Cartagena	75.266	67.258	102.678
	Buenaventura	95.886	129.022	128.685
	Cucuta	92.637	93.677	94.901
	TOTAL	**449.772**	**469.306**	**493.983**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
8-9-1951	32.904	110.516	35.760	179.180
1-9-1951	36.169	109.634	41.280	187.083
9-9-1950	46.599	111.645	37.063	195.307

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Dados preliminares sujeitos a retificação.

N.º 37 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 14 de Setembro de 1951

PAÍSES PRODUTORES

Colômbia: Do boletim da National Coffee Association, desta cidade, reproduz-se a seguinte nota sôbre a produção naquele país: "Segundo os dados da Embaixada dos Estados Unidos em Bogotá, a produção total de café na Colômbia, para 1951, deverá atingir uns cinco milhões de sacas.Tomando em conta as necessidades do consumo local, que se calculam em 500.000 sacas, deverão restar umas 4.500.000 sacas para exportação.

"Segundo os cálculos da mesma Embaixada, a safra do meio de ano é de uns dois milhões de sacas, e embora as opiniões acêrca da qualidade da colheita sejam muito dispares, a maioria calcula que essa colheita será maior que a anterior. A colheita de fim de ano é agora calculada como sendo normal, isto é, de uns três milhões de sacas e crê-se que em geral o café dessa colheita será também de boa qualidade".

México: Do boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, edição de 10 do corrente, reproduzimos o seguinte sôbre a produção naquele país: "O Sr. Martin Diaz de Cossio mandou-nos de México City, com a data de 8 do corrente, a sua estimativa sôbre a produção provável no México durante 1951/52 junto com a estimativa da produção exportável. Calcula-se que 1.585.000 quintais (ou 1.215.167 sacas de 60 quilos) representarão a safra total da qual 866.667 até 900.000 sacas deverão ser para exportação aos mercados estrangeiros — um pouco mais do que o volume que será exportado durante 1950/51. O consumo local durante a estação 1951/52 é estimado entre 316.667 e 350.000 sacas.

"De acôrdo com os registros da Alfândega, as exportações de México foram no total de 792.283 sacas de 60 quilos durante o período Outubro de 1950 a Junho de 1951 e foi já permitida a exportação de 54.667 sacas adicionais — ou seja um total para exportação de 846.950 sacas.

"A Europa comprou quantidades apreciáveis de café mexicano durante os últimos dois meses, segundo nos informa o Sr. de Cossio, havendo pago por esse café preços mais altos que os do mercado dos Estados Unidos. Realça-se que são muito boas as perspetivas para um aumento das vendas de café mexicano na Europa. Deve-se lembrar a-propósito, que em 1939 as exportações para o velho continente subiram a 200.000 sacas. A seguir oferece-se a estimativa do Sr. de Cossio sôbre a safra 1951/52:

Vera Cruz	406.333
Puebla e parte de Vera Cruz conhecida por Puebla	92.000
Chiapas e Tabasco	402.500
Oaxaca	207.000
San Luis Potosi	30.667
Guerrero	30.667
Hidalgo Morelos, Michoacan, Colima e Tepic	46.000
	1.215.167

ESTADOS UNIDOS

Torradoras "INFRA": A revista local "Tide" publicou recentemente a seguinte notícia sôbre o progresso conseguido pelas máquinas de torrar café "Infra-Roast", fabricadas com o fim principal de serem usadas nos estabelecimentos de venda no varejo:

"Um "supermarket" da cidade de Providence, estado de Rhode Island, tem uma máquina na maior parte seus estabelecimentos de vendas ao público que contribuiu para dobrar suas vendas de café em muito pouco tempo. Trata-se da "Infra-Roast", uma máquina automática que, em poucos minutos, torra cinco lbs. de café. "Infra-Roast" é uma invenção do cidadão colombiano August J. Torres, o qual em 1941 vendo que os moinhos de café tinham êxito nas lojas lembrou-se que as máquinas de torrar o grão também deveriam ter o mesmo êxito. A prova de que Torres tinha razão em pensar assim, é que para este mês a "Infra-Roat" já instalou suas máquinas de torrar café em Boston, Providence e Atlanta com extraordinário êxito.

"Desde que essas máquinas foram instaladas em Atlanta, as vendas de café naquela cidade aumentaram 40% e o movimento geral de vendas nos mesmos estabelecimentos subiu uns 15%. A emprêsa pensa instalar máquinas nos "supermarkets" de New Jersey, Ohio e Texas tão depressa quanto possível ao passo que outras emprêsas similares de lojas de "cadeia" estão já esperando a instalação das mesmas máquinas em suas lojas.

"A companhia "Infra-Roast" foi financiada por uma emprêsa do Estado de Massachusets em 1947 e 1948. Em 1949 venceram todas as dificuldades e instalaram-se máquinas experimentais numa estação da estrada de ferro de Boston e numa "cadeia" de Providence. Os ensaios feitos em Providence deram os seguintes resultados: as duas marcas individuais de café utilizadas na máquina venderam-se mais do que todas as outras; antes da instalação dessas máquinas, a emprêsa vendia 2.000 lbs. de café por semana. Depois de sua instalação as vendas subiram para 7.000 lbs. semanais. Notou-se mesmo um aumento nas vendas das demais marcas nacionais".

EUROPA

Noruega: Esse país importou durante o mês de Julho último 21.309 sacas de café cru, o que é de comparar com 29.814 sacas importadas em Junho e com 29.462 sacas importadas em Maio. Com as importações de Julho, o total para os primeiros sete mêses do corrente ano, atinge 169.432 sacas, ou seja, 11% mais do que a quantidade importada no período correspondente de 1950. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas importações, classificadas por países de origem:

País de origem	Julho, 51	Jan./Julho, 51	Jan./Julho, 1950
Brasil	16.034	129.158	140.854
África Portuguesa	3.016	19.616	1.426
Etiópia	1.101	12.806	2.196
Guayana Inglêsa	111	5.687	3.235
África Oriental Inglêsa	1.047	1.287	4.223
Haití	——	695	1.056
Indonésia	——	103	——
Libéria	——	86	243
Outros países	——	——	88
TOTAL	**21.309**	**169.432**	**153 321**

CAFÉS COLONIAIS

Produção na Indonésia: Da revista "Foreign Crops and Markets", reproduz-se o seguinte: "Havia-se calculado a safra de café naquele país entre 55.000 toneladas e 60.000 toneladas. Devido a grandes roubos de café e ao baixo nível de rendimento no leste de Java e em Bali, é possível que a safra total alcance ùnicamente 45.000 toneladas. Essa colheita será na sua maioria de Robustas, graus médios e inferiores, com excepção de 1.200 toneladas de Arábica de melhor qualidade provenientes da zona Kediri em Java e de Bali.

Além da produção de 45.000 toneladas de 1951, o Govêrno tinha no princípio do ano, remanescentes no total de 7.000 toneladas, pelo que os suprimentos totais para o ano são estimados em umas 52.000 toneladas. Dessa quantidade o govêrno separou 70% para o consumo local e permitiu a exportação de 15.000 toneladas. Embora de acôrdo com as cifras oficiais de exportação disponíveis para o primeiro trimestre de 1951, os Estados Unidos compraram ùnicamente 8 toneladas, do total de 4.000 toneladas exportadas, o Escritório de Exportação informa que foram aprovados novos contratos para a venda de umas 60 toneladas adicionais aos Estados Unidos".

N.º 743 CARTA SEMANAL DO MERCADO 21 de Setembro de 1951

O BUREAU PAN-AMERICANO DO CAFÉ homenageia Sua Excelência Dr. Horácio Lafer, Ministro da Fazenda, do Brasil: Por ocasião da visita aos Estados Unidos da América do Norte, de Sua Excelência Dr. Horácio Lafer, Ministro da Fazenda do Brasil, e durante sua permanência em Nova York, o Bureau Pan-Americano do Café ofereceu ontem em sua homenagem um almoço no Hotel Waldorf-Astoria, ao qual compareceram as mais eminentes personalidades do mundo cafeeiro e financeiro desta cidade.

O Snr. Don Andrés Uribe C., Delegado da Colômbia, junto ao Bureau, saudou o Ministro Lafer com as seguintes palavras:

> "Constitue para mim motivo de grande orgulho ter sido designado pela Junta Executiva do Bureau Pan-Americano do Café a fim de ter a honra de homenagear-lhes.
>
> Representantes de 10 países latino-americanos, produtores de café, membros do Bureau Pan-Americano do Café, como tais, vímos seguindo com permanente atenção e entusiasmo todas as iniciativas e realizações de Vossa Excelência em assuntos de interêsse comum para a indústria cafeeira.

Que esta oportunidade que se nos depara seja para expressar os nossos sinceros agradecimentos pela profunda compreensão que V. Excia. tem demonstrado nos trabalhos de que está encarregado o Bureau Pan-Americano do Café, não sòmente no que diz respeito às relações cordiais entre o produtor, o negociante e o consumidor e sua campanha de propaganda, e também na sua perpetuação através dos anos, à meio dificuldades passageiras, e no fato de ser o Bureau um exemplo patente de panamericanismo.

Queira aceitar, pois, esta manifestação de simpatia como um reconhecimento sincero dos magníficos esforços do Govêrno de Vossa Excelência, e particularmente de Vossa Excelência, pelo bem comum da indústria cafeeira".

O Ministro Lafer respondeu a saudação com as seguintes palavras:

"Meus Senhores:

É grande a satisfação com que compareço a esta reunião onde, não sòmente se agrupam, no Bureau Pan-Americano de Café, delegados dos países produtores, mas onde se acham igualmente presentes, no mesmo espírito de união e de interêsse mútuo, os que teem a seu cargo a tarefa de promover a distribuição do produto vital das Américas que é incontestàvelmente o café.

Como tão bem acentuou o vosso distinto orador, o trabalho do Bureau Pan-Americano de Café e, na realidade, um "vivido exemplo de pan-americanismo". Numa época em que a união de interêsse é sempre tão difícil, conseguir-se o que se obteve através do Bureau, parece-me obra que merece ser destacada e continuada.

Justfica, aliás, o café essa cooperação, não sòmente em benefício dos países produtores, que dêle vivem, mas a favor dos centros consumidores, para os quais constitue uma bebida indispensável e retemperadora. Mais do que isso, o café é o traço de união econômica e comercial entre tantos países latino-americanos e a nação norte-americana. É a moeda que assegura a troca contínua de produtos, cuja expansão constitue hoje um dos elementos mais poderosos das atividades comerciais do Continente. Somos, como todos o sabem, o maior mercado mundial dos produtos norte-americanos, depois do Canadá. Para que os países desta parte do mundo possam comprar precisam vender. E o café é que vem proporcionando as bases dessa expansão progressiva de vendas, com as quais nós, os países produtores, obtemos recursos para pagar nossas importações.

Há, portanto, uma animadora reciprocidade de interêsse entre os países que produzem e os que importam e consomem café, especialmente entre êsses países e o mercado norte-americano.

Para o Brasil, o café tem importância excepcional, eis que representa parcela ponderável de suas exportações anuais. Os preços que estamos recebendo acham-se em relação razoável com as cotações dos produtos que importamos habitualmente.

Durante os primeiros cinco mêses do ano, o preço-índice dos produtos importados pelo Brasil subiu de 25 por cento, enquanto o dos nossos artigos exportados para os Estados Unidos caiu de 15 por cento. Essas flutuações de preço, tanto para os produtos em geral, quanto para o café são resultantes da lei da oferta e da procura.

As safras de café do Brasil foram reduzidas, nos últimos anos, por condições adversas do tempo e êsse fenômeno se repete êste ano.

A expansão das lavouras de café do Brasil é tarefa da iniciativa particular. Está, porém, o govêrno preparando melhor essa expansão de produção, através de seus Institutos Agronômicos, criando variedades de café mais produtivas e melhor adaptadas às zonas recém-abertas. A nossa preocupação não é, pois, criar

escassez artificial, mas promover expansão de produção. A quantidade de cafèzais novos que dentro de três anos entrará em produção garante o atendimento de quaisquer necessidades mundiais, mesmo com o consumo europeu novamente restabelecido.

Tenho, pois confiança no futuro do café. E essa confiança cresce mais, quando vejo organisações, como o Bureau Pan-Americano, mantida pelos países produtores interessados, trabalhando e cooperando ìntimamente com as entidades responsáveis pela importação e consumo de café nos Estados Unidos. O interêsse básico do café não é dividir nem enfraquecer êsses grandes grupos econômicos, mas fortalecê-los e ampliá-los. Da mútua compreensão dos problemas peculiares a cada um é que decorrerá melhor entendimento geral, de que todos, indistintamente, se beneficiarão.

Faço votos pela crescente prosperidade e unidade do Bureau Pan-Americano do Café e pela continuação da estreita união de vistas entre produtores e consumidores de café dêste Hemisfério.

MERCADO DE CAFÉ: Apesar dos torradores continuarem limitando as suas compras, continuam demonstrando um grande interêsse e o número de operações é relativamente grande. Por isso, ainda sem pressão a procura continua ativa particularmente no mercado de cafés físicos.

Durante os primeiros dias da semana, principalmente devida a persistentes rumores sôbre uma possível desvalorização da moeda colombiana, deu-se um debilitamento nos níveis gerais de cotações. No entretanto esta tendência foi debatida pela explícita declaração do Ministro da Fazenda, da Colômbia, de que a moeda colombiana não iria sofrer mudança alguma em sua paridade, e em consequência disto, os níveis dos preços subiram ligeiramente. Outro fator que contribuiu também em grande parte para desenvolver a firmeza do mercado foi a decisão tomada pelo Brasil de ativar as quotas de exportação de café nos portos brasileiros.

No mercado de opções a reação fez-se sentir desde quarta-feira e na tarde de hontem os preços já haviam recobrado o suficiente, mostrando não mais que baixas de vinte pontos, em comparação com a semana passada. O volume de operações expandiu-se e atingiu um total de 543 lotes em comparação com sòmente 419 lotes na semana anterior. Continua aumentando, e esta manhã somava 2.333 lotes.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: No que diz respeito ao mercado de cafés físicos a estabilidade de preços para os cafés do Brasil continua firme e em sua quarta semana o nível geral de cotações FOB para o tipo básico Santos 4 é de 51,25 a 51,50 c/. No que se refere a cafés colombianos os níveis gerais de preços demonstram terem recuperado sua debilidade inicial e tanto para os disponíveis como para os cafés sôbre-água a cotação geral que se menciona oscila entre 58 e 58,25 c/ base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais		
			Europa	Outros	Total
BRASIL*	15-9-1951	154.000	86.000	28.000	268.000
	8-9-1951	167.000	69.000	25.000	261.000
	16-9-1950	279.000	146.000	54.000	479.000

COLÔMBIA**	15-9-1951	60.171	6.163	——	66.334
	8-9-1951	98.129	6.665	2.337	107.131
	16-9-1950	116.321	841	2.027	119.189

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 15-9-1951	8-9-1951	16-9-1950
BRASIL*	Santos	1.517.000	1.456.000	1.812.000
	Rio	407.000	380.000	595.000
	Vitória	101.000	100.000	126.000
	Paranaguá	593.000	537.000	451.000
	Pernambuco	13.000	11.000	11.000
	Bahia	22.000	21.000	26.000
	Angra dos Reis	43.000	37.000	10.000
	TOTAL	**2.696.000**	**2.542.000**	**3.031.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	183.812	185.983	162.022
	Cartagena	91.800	75.266	91.761
	Buenaventura	90.784	95.886	124.941
	Cucuta	92.637	92.637	95.251
	TOTAL	**459.033**	**449.772**	**473.975**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (em sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
15-9-1951	27.716	108.740	30.323	166.779
9-8-1951	32.904	110.516	35.760	179.180
16-9-1950	54.344	110.808	35.952	201.104

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO*

Safra	Agôsto, 1951	Julho, 1951	Agôsto, 1950
1949-1950	——	——	890.000
1950-1951	1.674.000	2.056.000	2.515.000
1951-1952	2.690.000	——	——
TOTAL	4.364.000	2.056.000	3.405.000

Despachos por estrada de ferro durante Junho-Agôsto/1951 para:

Santos	2.784.000
Rio	258.000
Angra dos Reis	2.000
Outros (***)	46.000
Total	3.090.000

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Inclúe sacos de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

N.º 744 ..CARTA SEMANAL DO MERCADO 28 de Setembro de 1951

SITUAÇÃO GERAL: A economia geral do país continua se desenvolvendo dentro de um ambiente calmo devido a falta de acontecimentos suficientemente importantes que possam alterar a situação. Durante os últimos dias desta semana o mercado de valores mostrou uma ligeira baixa e a isto se atribúe aparentemente o fato de que o Congresso está por chegar a uma decisão com referência a alta das contribuições com que vão se deparar as corporações, assim como uma diminuição nas atividades comerciais. No câmbio se notou durante a última semana uma oscilação sensível com tendência a alta no mercado dos produtos básicos naturais, principalmente nos produtos agrícolas que vinham baixando anteriormente. Os principais fatores responsáveis por êsse câmbio no curso dos negócios são diversos e aparentemente simples. Com referência ao algodão, a decisão dos agricultores para armazenar uma parte substancial da colheita parece ter alcançado o objetivo desejado, ou seja o de reafirmar os preços que se achavam em em declínio, os quais estavam baixando devido a grande alta de produção êste ano, ao passo que com referência aos grãos, cujas cotações também haviam demonstrado debilidade, pela mesma razão, o motivo causador de sua alta parece ter sido bàsicamente fatores de temperatura desfavoráveis a sua produção. Devido a êste câmbio irregular nos produtos agrícolas, os compradores teem demonstrado maior interêsse, e a procura aumentou o que naturalmente contribuiu a sustentar o novo movimento de altas. Assim sendo sòmente o tempo poderá revelar si esta situação continuará ou si será temporária.

Segundo as notícias publicadas o aumento das compras da parte do público não atingiu o nível esperado, e isto está preocupando grandemente os diretores das grandes emprêsas. Os comentários com referência a esta apatia do público não são fáceis de explicar, pois seu aquisitivo é excelente, segundo revelam os padrões de salários e as contas de economia bancária. Algumas das grandes casas estão propagando que se esta situação não se corrigir elas terão de enfrentar uma luta de preços igual a que enfrentaram no verão passado afim de despertar a procura da parte do público.

MERCADO DE CAFÉ: A expansão de atividade iniciada com moderação a semana passada extendeu-se durante esta semana, tanto nos mercados de cafés disponíveis como no mercado a termo, e por isso se informa que o volume das compras e vendas tem sido relativamente substancial. No entretanto, os torradores estão limitando suas compras, resistindo a qualquer alta dos preços.

No mercado a têrmo o número de operações do Contrato "S" na Bolsa de Café e Açúcar de Nova York atingiu a 650 lotes em comparação com 543 da semana passada. Os níveis das cotações se reafirmaram sensìvelmente, e no fechamento da Bolsa ontem as altas mostraram oscilação entre 66 pontos da posição imediata de dezembro e 120 pontos da posição de setembro do ano vindouro. Esta manhã o total de lotes para entrega somava 2.347 não mostrando assim câmbio significativo comparado a cifra de sexta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: No mercado de cafés disponíveis os níveis de cotações foram os mesmos da semana passada. Com referência ao tipo Santos 4 continúa sendo cotado a 51.25 e 51.50 c/ FOB, enquanto que devido a limitação das exportações no porto de Paranaguá a diferença entre aqueles cafés e o Santos 4 tem reduzido sensìvelmente. No que se refere ao café da Colômbia **excelsos** a procura tem sido ótima e se informa ter sido vendido em quantidades substanciais pelo preço flutuante de 58.1/8 e 58.3/8 nos cafés sobre-água.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	9-22-1951	360.000	94.000	19.000	437.000
	9-15-1951	154.000	86.000	28.000	268.000
	9-23-1950	193.000	100.000	23.000	316.000
COLÔMBIA**	9-22-1951	95.309	14.881	4.498	114.688
	9-15-1951	60.171	6.163	—	66.334
	9-23-1950	96.029	2.414	1.478	99.921

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 9-22-51	9-15-51	9-23-50
BRASIL*	Santos	1.479.000	1.517.000	1.884.000
	Rio	407.000	407.000	617.000
	Vitória	112.000	101.000	158.000
	Paranaguá	532.000	593.000	550.000
	Pernambuco	10.000	13.000	14.000
	Bahia	22.000	22.000	24.000
	Angra dos Reis	32.000	43.000	3.000
	Total	**2.594.000**	**2.696.000**	**3.250.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	180.026	183.812	126.026
	Cartagena	71.365	91.800	85.925
	Buenaventura	84.258	90.784	135.766
	Cucuta	93.217	92.637	94.826
	Total	**428.866**	**459.033**	**442.543**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:*

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
9-22-1951	25.895	105.146	25.831	156.872
9-15-1951	27.716	108.740	30.323	166.779
9-23-1950	64.505	109.813	33.134	207.452

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Idem, Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

N.º 38 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 28 de Setembro de 1951

PAÍSES PRODUTORES

Equador: A cultura do café em Manabí conta com clima favorável e terra apropriada, porém o agricultor deseja melhorar a produção de seus cafèzais velhos. Os cafeeiros plantados em solos pobres em nitrogênio perdem fôlhas antes da época de florescência. Devido a falta de nitrogênio do solo observamos que muitos cafeeiros dão flôres porém não frutificam, porque o nitrogênio é essencial no momento da fecundação e com o fósforo forma as lecitinas dos novos órgãos e dos

grãos do polen que são indispensáveis para a realização do fenômeno básico da reprodução. Foi comprovado pelos agrônomos do mundo que a colheita do café ou de qualquer outra planta tem relação direta com a riqueza de nitrogênio nítrico acumulado nas plantas. O cafeeiro necessita para o seu desenvolvimento e produção, grandes quantidades de nitrogênio, potassa e fósforo. Depois de muitas análises, em São Paulo chegou-se a conclusão que cada hectare de terra perde anualmente por cada exportação de café cêrca de 14 quilos de nitrogênio, 17 de potassa, 2 de ácido fosfórica e 3 de cal. Si tomarmos 30 anos como limite médio de produção de um cafeeiro, as cifras anteriores se converterão nas seguintes: 420 quilos de nitrogênio, 510 de potassa, 60 de ácido fosfórico e 90 de cal.

Para se produzir um café aromático e saboroso são necessárias duas coisas: sombra e alimentação adequada para os cafeeiros. Uma fertilização perfeita não sòmente aumenta a produção dos cafeeiros, mas aumenta sua vitalidade. Quanto mais cêdo se inicia a fertilização, mas vigorosos se tornam os cafeeiros e tanto mais desenvolvidos, vivendo também assim por maior número de anos em produção econômica.

A aplicação do salitre do Chile deve ser feita individualmente em cada planta e de acôrdo com a idade dos cafeeiros. Assim, por exemplo, para plantas de um ano se aplica 30 gramas e para cafeeiros de 10 anos é necessário adicionar-se ao solo 480 gramas de salitre. A adubação deve ser feita pouco a pouco após a abertura das flôres, quando os frutos estejam em crescimento e no começo da estação das chuvas. Uma mistura de salitre de potássio e adubos fosfatados como o fosfato de cálcio, em quantidade suficiente, de acôrdo com a idade do cafeeiro seria de grande eficiência. A mistura dêstes adubos pode ser feita regulamente e ser aplicada durante dois ou três dias seguidos.

(Boletim de Consórcio de Centrol Agrícolas de Manbí — EQUADOR)

EUROPA

Suécia: Êste país importou no mês de junho último 54.152 sacas de 60 quilos de café verde. Durante o mês anterior, isto é, em maio, a importação atingiu a 54.864 sacas e no mês de junho do ano passado esta mesma importação foi de 53.409 sacas.

Com as importações de junho último,o total importado durante os primeiros seis meses do ano atingiu a 326.148 sacas, cifra superior a 234.689 sacas importadas durante o período correspondente a 1950.

Apresentamos em seguida um quadro comparativo das referidas importações, classificadas de acôrdo com o país de origem e em sacas de 60 quilos:

IMPORTAÇAO DE CAFÉ CRÚ NA SUÉCIA

País de Origem:	Junho/51	Jan.-Jun./51	Jan.-Jun./51
Brasil	45.469	278.370	202.555
Colômbia	4.712	26.260	19.361
África Oriental Britânica	820	4.324	3.752
Guatemala	328	2.922	359
Indonésia	587	2.683	394
Etiópia	456	2.356	2.358
Congo Belga	299	2.251	2.364
Perú	181	1.463	—
Aden	208	1.115	—

Outras zonas da Arábia	63	715	404
Índia	198	1.002	816
El Salvador	294	864	233
África Ocidental Portuguesa	261	702	190
Costa Rica	238	603	67
Haití	5	117	—
México	—	104	48
Guiana Holandesa	—	82	—
Libéria	19	72	—
Malaya Britânica	—	40	—
Guiana Britânica	—	25	—
África Oriental Portuguesa	—	21	—
Somália Francesa	—	20	—
Venezuela	—	9	82
Outros países	14	28	1.706
Total	**54.152**	**326.148**	**234.689**

(G.G. Paton & Co. — Setembro 11 de 1951)

CAFÉS COLONIAIS:

Madagascar: Considera-se excelente a colheita de café de 1950 que atingiu a 500000 sacas de 60 quilos. Antes da segunda guerra mundial esta ilha tinha uma produção muito maior, porém nêstes últimos anos a produção em média tem sido de 416 sacas por ano.

A plantação de café aumentou de zona de 177.912 acres para 247.100 em 1950. O Serviço de Agricultura da ilha ainda não fez predições para a colheita de 1951, porém nos círculos cafeeiros avalia-se que a mesma será mais ou menos igual a safra de 1950.

As exportações de café de 1950 atingiram 746.850 sacas. As exportações do primeiro trimestre de 1951 totalizaram 141.850 sacas, das quais a França importou 115.750 e o resto foi importado pela Indochina, Tunis e a Ilha da Reunião, nos Estados Unidos, e também pela Somália Francesa e a Grécia.

(G.G. Paton & Co. — Setembro 14/51)

N.º 745 CARTA SEMANAL DO MERCADO 5 de Outubro de 1951

SITUAÇÃO GERAL: Continua-se a notar cada vez com maior intensidade sinais de estabilidade econômica. Os mercados em geral veem-se caracterizando por uma procura altamente seletiva e cautelosa, moderadamente ativa, mas a níveis de preços geralmente firmes. O propalado espiral inflacionário que se esperava teria início nesta época do ano, segundo insistência de alguns analistas e autoridades oficiais, baseado no ressurgimento geral da procura e marcada expansão da produção bélica, ainda não se materializou. Sôbre êste particular, as declarações recentemente feitas pelo diretor do Escritório de Mobilização, senhor Charles E. Wilson, esclareceu um pouco a situação.

Disse o senhor Wilson "O aumento total da produção industrial do país foi suficiente para manter o aumento considerável da produção militar sòmente com as conversões e reduções mínimas na produção de artigos para consumo civil. As pers-

petivas futuras no momento indicam que o volume total de produtos e serviços para consumo civil permanecerá mais ou menos constante mesmo durante o próximo ano.

"Não há motivo, contudo —continúa o senhor Wilson,— de nos considerarmos livres de uma nova onda inflacionária. De agora em diante, a aplicação de uma maior proporção dos recursos para fins militares poderá acarretar ainda grandes riscos de inflação. A manutenção da presente estabilidade econômica dependerá de medidas mais eficazes de contrôles e da procura por parte do público, para os artigos que vão se tornando escassos.

Resumindo, pode-se dizer que apesar da relativa estabilidade econômica que vem caracterizando o panorama geral, existe ainda no horizonte a possibilidade de outro surto inflacionário, dependendo da pressão que venha a exercer a intensificação do porgrama de rearmamento. O maior ou menor gráu de inflação dependerá, naturalmente, da forma que se desenvolvam os assuntos internacionais no tocante ao incremento rápido da procura em geral e a capacidade produtiva da indústria nacional para satisfazê-la.

MERCADO DE CAFÉ: Os últimos acontecimentos desportistas do país relativos ao campeonato de baseball exerceram grande influência nas atividades comerciais gerais de Nova York. Por outro lado, o mercado em geral vem se desenvolvendo lento e quasi inativo, a espera de informações da situação geral das colheitas de café nos países latino-americanos a serem prestadas pelos representantes do comércio americano que se encontram atualmente nos países produtores em observação. Informações preliminares desses representantes, confirmam que a safra do Brasil será menor êste ano e que a posição estatística do café continúa bastante estável. Em têrmos gerais, os totais disponíveis para consumo mundial em 1951/52 apenas serão suficientes para satisfazer a procura e mesmo assim, recorrendo-se aos sobrantes anteriores nos países produtores. Não obstante o período de inatividade que está atravessando o mercado, as cotações tanto do mercado a têrmo como no disponível tem se mantido bem. Os cafés brasileiros na base do tipo Santos 4 continuam a ser cotados entre 51.25 e 51.50 F.O.B. e os colombianos entre 58⅛ e 58 3/8 na base ex-doca. O movimento do mercado a têrmo foi limitado a 133 lotes durante a semana contra 650 na semana anetrior. Os contratos pendentes de entrega somam 2.365 contra 2.347 na semana anterior.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	29-9-1951	252.000	124.000	41.000	417.000
	22-9-1951	360.000	94.000	19.000	473.000
	30-9-1950	116.000	142.000	50.000	308.000
COLÔMBIA**	29-9-1951	86.247	23.546	2.929	112.722
	22-9-1951	95.309	14.881	4.498	114.688
	30-9-1950	147.293	2.182	6.579	156.054

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 29-9-1951	22-9-1951	30-9-1950
BRASIL*	Santos	1.462.000	1.479.000	1.986.000
	Rio	373.000	407.000	648.000
	Vitória	95.000	112.000	144.000
	Paranaguá	647.000	532.000	662.000
	Pernambuco	10.000	10.000	15.000
	Bahia	23.000	22.000	25.000
	Angra dos Reis	26.000	32.000	2.000
	TOTAL	**2.636.000**	**2.594.000**	**3.482.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	184.532	180.026	132.646
	Cartagena	75.004	71.365	88.773
	Buenaventura	78.064	84.258	100.374
	Cucuta	92.637	93.217	92.318
	TOTAL	**430.237**	**428.866**	**414.111**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Semana de:	Países de origem (em sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
29-9-1951	25.805	103.231	24.114	153.150
22-9-1951	25.895	105.146	25.831	156.872
30-9-1950	73.727	108.303	35.377	217.407

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.

(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

N.º 39 **O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA** **5 de Outubro de 1951**

PAÍSES PRODUTORES

México: Por intermédio de seus representantes nesta cidade recebemos da Comissão Nacional de Café, do México, a seguinte informação do senhor Juan Rebolledo Clemente, presidente daquela comissão:

"A exportação do café do México durante a safra de 1950-51 atingirá um total de cêrca de 860.000 sacas de 60 quilos. Esta cifra representa uma das safras mais elevadas daquele país. A próxima safra (Outubro 1951/52) está estimada em cifra ligeiramente inferior a de 1950/51. Informações recebidas das zonas cafeeiras do país revelam uma pequena diminuição, exceto na zona de Pluma Hidalgo onde as perspetivas parecem ser animadoras quanto ao aumento da produção. A êsse respeito deve se ter em mente os danos causados pela geada na região de Huastecas durante o mês de Janeiro, e as inundações ocorridas como resultado do ciclão que

assotou aquela zona no mês de agôsto próximo passado. Contudo, estima-se que cêrca de 850.000 sacas de 60 quilos serão exportadas no corrente anó. (Quanto ao mercado local, não consideramos que o mesmo sofra alterações, em vista de que estão se incrementando novas plantações e melhorando as existentes, através do esfôrço conjunto da Comissão Nacional do Café e dos cafeicultores mexicanos, tendo em vista os preços remuneradores que prevalecem atualmente.

A Comissão Nacional do Café entregou aos agricultores durante êste ano mais de 600.000 mudas e na base de um cálculo conservador pode-se afirmar que, os cafeicultores mexicanos plantaram cêrca de um milhão de cafeeiros. Numèricamente, a safra geral do país é estimada em cêrca de 1.350.000 quintais ou seja, .. 1.035.000 sacas de 60 quilos durante 1951/52 calculando-se uma exportação de .. 860.000 sacas e um consumo doméstico de 185.000 sacas mais os sobrantes da safra anterior que possìvelmente é de mais de 100.000 quintais ou 77.000 sacas de 60 quilos.

RESUMO:		Sacas de 60 quilos
Total exportável		850.000
Consumo doméstico		
a) safra 1951/52	185.000	
b) sobras de 1950/51	77.000	262.000
Total		1.112.000

(Dados da Comissão Nacional de Café do México, 24 de setembro de 1951)

Costa Rica: Dados fornecidos pela Embaixada dos Estados Unidos em S. José, Costa Rica:

"O impôsto a ser criado sôbre o café que está encontrando grande resistência, não foi anunciado ainda em todos os seus detalhes, oficialmente, porém a maior parte dos elementos responsáveis estão de acôrdo em que a indústria do café, que está se beneficiando dos altos preços pagos no exterior, deverá contribuir em maior proporção para o bem-estar público. O Ministro de Economia e Finanças, propôs uma taxa ad valorem sôbre as exportações, ao passo que o Ministro de Relações Exteriores deu à publicidade um plano mediante o qual fica reduzido em 50% o lucro 16% atualmente em vigor para os beneficiadores do café. Os produtores se opõem a ambos os planos. Embora a safra de 1950/51 tenha sido inferior em 17% a da anterior, as perspetivas para a safra de 1951/52 são um pouco melhores, não obstante os danos causados pelas chuvas torrenciais e na zona de Turrialba a princípios daquela safra (G. G. Paton & Co. Setembro 27/51).

EUROPA

Holanda: Durante o mês de julho êste país importou 33.542 sacas de café crú, o que eleva as importações durante 7 meses no ano a 227.996 sacas, em comparação durante o mesmo período do ano anterior que foi de 295.590 sacas o que equivale a um decréscimo de 23%. As importações principais de julho procederam de Angola e do Brasil. Até agora não foi importado um só saco do Congo Belga, sendo de observar que de janeiro a julho de 1950 as importações desta última procedência elevaram-se a 68.693 sacas.

Damos a continuação um quadro comparativo de ditas importações classificadas por países de origem e em sacas de 60 quilos:

País de Origem:	Julho, 1951	Jan.-Jul 51	Jan.-Jul. 50
Brasil	14.758	114.775	105.395
Angola	16.709	86.820	79.092
Indonésia	109	9.358	7.856
Timor Portugues	—	3.964	466
Costa Rica	—	3.792	5.915
Portugal	1.964	3.018*	717
Colômbia	—	2.667	5.529
Guatemala	—	1.128	2.388
Haití	—	874	387
Etiópia	—	632	187
Venezuela	—	344	78
El Salvador	—	207	—
Guinea Portuguesa	—	163*	—
Adén	—	133	—
Bélgica	—	68**	4.136
Alemanha Ocidental	—	28*	51
Libéria	2	15	4
Estados Unidos	—	4***	—
Outros países	—	6	83.398****
TOTAL	33.542	227.996	295.599

*) Origem africana.

**) 52 Brasil; 9 África; 6 outros países — América e Indonésia.

***) Origem Brasil.

****) Inclue: Congo Belga 68.693 sacas; República Dominica 6.644; Índia 4.015; Malaia Britânica 1.230; Nicarágua 1.098; México 1.057; Tanganyika 332; Kenya e Uganda 329.

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XVII — São Paulo, 11 de Outubro de 1951 — N.º 309

DADOS COLIGIDOS PELA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS — SAFRA 1951/1952

E. Ferro	jul. agosto	setembro 1.ª dezena	setembro 2.ª dezena	setembro 3.ª dezena	Totais
S. a Jundiaí	48 825	4 570	13 130	8 704	75 229
Sorocabana	407 073	64 114	99 043	83 364	653 594
Paulista	1 121 606	162 210	181 086	139 912	1 604 814
Mogiana	191 346	34 738	57 416	(*)49 843	333 343
Araraquara	332 536	59 446	72 237	49 257	513 476
N. Brasil	699 151	104 879	133 146	106 197	1 043 373
C. Brasil	—	—	—	—	—
E. Rodagem	—	—	—	—	—
Total	**2 800 537**	**429 957**	**556 058**	**437 277**	**4 223 829**

NOTAS: — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

(*) Não foram recebidos os dados da 3.ª dezena de setembro das EE. FF. São Paulo e Minas e Minas e Central do Brasil.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	Totais
julho/agôsto	157 467	114 768	500	1 447	274 182
1.ª des. set.º	25 451	29 088	—	—	54 539
2.ª des. set.º	18 291	26 620	563	4 942	50 416
3.ª des. set.º	12 299	14 200	1 268	3 830	31 597
Total	**213 508**	**184 676**	**2 331**	**10 219**	**410 734**

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

E. Produtores	jul. agosto	setembro 1.ª dezena	setembro 2.ª dezena	setembro 3.ª dezena	Totais
Paraná	16 592	3 650	8 908	2 615	31 765
Minas Gerais	23 800	4 349	(*) 8 148	(*) 3 477	39 774
Goiás	7 795	1 500	1 000	(*) 265	10 560
Goiás (Rodov.)	—	—	320	320	640
Mato Grasso	1 327	427	500	—	2 254
Total	**49 514**	**9 926**	**18 876**	**6 677**	**84 993**

(*) — Incompletos.

SECRETARIA DA FAZENDA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ
DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO SAFRA 1951/1952

1) CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA SANTOS

Estradas de Ferro	jul./agôs.	setembro	1.ª dezena outubro	Totais
Santos a Jundiaí	48 825	26 404	6 705	81 934
Sorocabana	407 063	246 512	66 454	720 038
Paulista	1 121 606	483 308	83 112	1 688 026
Mogiana	191 346	142 286	38 331	371 963
Araraquara	332 536	181 945	40 979	555 460
Noroeste do Brasil	699 151	344 938	69 138	1 113 227
Central do Brasil	—	—	(*)	—
Estradas de Rodagem	—	—	—	—
Total	**2 800 527**	**1 425 402**	**304 719**	**4 530 648**

NOTAS: — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias. — (*) — foram recebidos os dados da 1.ª dezena de outubro da Estrada de Ferro Central do Brasil.

2) CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Total
	Feroviário	Rodoviário	Feroviário	Rodoviário	
julho/agôsto	157 467	114 768	500	1 441	274 182
mês setembro	56 041	69 908	4 269	8 772	138 990
1.ª dez. outubro	11 829	17 434	1 362	6 612	37 237
Total	**225 337**	**202 110**	**6 131**	**16 831**	**450 409**

3) CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	jul./agôs.	setembro	1.ª dezena outubro	Totais
Paraná	16 592	15 173	(*) 1 952	33 717
Minas Gerais	23 800	16 174	(*) 2 090	42 064
Goiás	7 795	3 665	(*) —	11 460
Goiás (Rodoviário)	—	640	100	740
Mato Grosso	1 327	927	733	2 987
Total	**49 514**	**36 579**	**4 875**	**90.968**

— (*) — Incompletos.
— Os dados desta publicação retificam as anteriores.
São Paulo, 19 de Outubro de 1951.

SAFRA 1951/52 — (ATÉ 30 DE SETEMBRO DE 1951)
MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

Paulista	Despachado	Liberado	Destino alterado	A liberar
1.ª dez. julho 51	443 886	339 195	950	103 741
2.ª " " "	300 718	—	559	300 159
3.ª " " "	530 149	—	598	529 551
1.ª " agôsto "	447 166	—	72	447 094
2.ª " " "	422 201	—	—	422 201
3.ª " " "	648 614	—	138	648 476
1.ª " setembro "	429 157	—	—	429 157
2.ª " " "	552 232	—	170	552 062
3.ª " " "	436 294	—	—	436 294
Total	**4 210 417**	**339 195**	**2 487**	**3 868 735**
Despolpado	**13 412**	**12 279**	—	**1 133**
Total Geral	**4 223 829**	**351 474**	**2 487**	**3 869 868**
(Outros Estados) (Até 3.ª dez. setº)				
Paranaense	31 765	4 596	—	27 169
Mineiro	39 774	3 103	—	36 671
Goiano	10 560	250	—	10 310
Goiano (Rodoviário)	640	—	(*) 19	621
Matogrossense	2 254	—	—	2 254
Total	**84 993**	**7 949**	**19**	**77 025**

OBS: — Apreendidas (*).
— Destino alterado p/ "Rio de Janeiro" 531
— Destino alterado p/ "Interior e Cap" 1 056 2 487

— Os dados desta publicação retificam as anteriores.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

AGÔSTO DE 1951

(Sacas de 60 quilos)

PÔRTO DE EMBARQUE	Exterior	de bordo Consumo	Cabotagem	Total
Agôsto de 1951:				
Santos	613 721	138	—	613 859
Rio de Janeiro	409 982	152	200	410 334
Vitória	77 304	—	37 740	115 044
Paranaguá	302 161	—	—	302 161
Angra dos Reis	3 300	—	—	3 300
Salvador	455	—	2 645	3 100
Recife	106	—	—	106
Total	1 407 029	290	40 585	1 447 904
Janeiro	1 241 156	224	18 451	1 259 831
Fevereiro	1 598 385	164	18 016	1 616 565
Março	1 489 071	347	33 536	1 522 954
Abril	1 012 218	206	16 258	1 028 682
Maio	1 172 545	351	20 431	1 193 327
Junho	914 292	238	34 608	949 138
Julho	891 810	350	24 176	916 336
Total de Janeiro a Agôsto	**9 726 506**	**2 170**	**206.061**	**9 934 737**

Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de Setembro de 1951

DATA	Europa	A. Norte	A. Central	A.. Sul	Oceania	Africa	Asia	Cabotagem	Total
1	1.965	3.419	—	—	—	—	—	—	5.384
3	39.993	—	—	—	—	17.914	3.237	—	61.144
4	1.266	—	—	—	—	—	—	—	1.266
5	—	23.483	—	3.502	—	—	—	—	26.985
6	—	—	—	4.089	—	600	—	—	4.689
8	125	5.380	—	6.165	—	—	—	—	11.670
10	23.800	—	—	—	—	4.796	—	500	29.096
11	—	8.593	—	—	—	—	—	—	8.593
12	—	17.148	—	—	—	—	—	—	17.148
13	—	2.500	—	—	—	—	—	—	2.500
14	—	—	—	500	—	—	—	—	500
15	14.872	—	—	1.607	—	—	—	—	16.479
17	5.855	27.597	—	567	—	—	—	—	34.019
18	—	—	—	10.529	—	—	—	—	10.529
19	12.626	39.245	—	—	—	—	—	—	51.871
20	—	3.513	—	—	—	—	—	—	3.513
21	280	—	—	—	—	—	—	—	280
22	8.873	—	—	—	—	—	—	—	8.873
24	30.970	41.314	—	2.634	—	417	—	—	75.335
25	—	8.750	—	6.266	—	—	—	—	15.016
26	26.875	—	—	1.925	—	2.836	6.922	—	38.558
27	—	14.923	—	—	—	—	—	—	14.923
28	—	32.550	—	—	—	—	—	—	32.550
29	13.759	46.410	—	—	—	—	—	—	60.169
Total	181.259	274.825	—	37.784	—	26.563	10.159	500	531.090

Consumo de bórdo — 99 scs.

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1951

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE AGÔSTO DE 1951

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	10.392	
	Áustria	529	
	Bélgica	22.282	
	Dinamarca	200	
	Finlândia	15.000	
	França	27.763	
	Gibraltar	1.666	
	Grã-Bretanha	4.016	
	Holanda	19.982	
	Islândia	1.425	
	Itália	6.165	
	Noruega	250	
	Suécia	2.113	
	Suiça	1.500	
	Triste	10.100	123.383
AMÉRICA DO NORTE:	Canadá	1.000	
	Est. Unidos	211.764	212.764
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	56.170	
	Chile	2.055	
	Uruguai	5.345	63.570
AMÉRICA CENTRAL:	Curaçao	115	115
AFRICA:	Egito	125	
	Moçambique	550	
	U. S. Africana	6.319	6.994
ASIA:	Chipre	300	
	Síria	1.666	
	Transjordânia	358	
	Turquia	832	3.156
CABOTAGEM:	Total p/ o exterior:		409.982
	Sul	200	200
	Total Geral		**410.182**
CONSUMO DE BORDO:			**152**

CAFÉ

EPARTAMENTO DO CAFÉ, DURANTE O MÊS DE SETEMBRO DE 1951

	otal	TOTAL das entradas	TOTAL dos embarques	Cotações Tipo 7 Cr$	D.N.C. retirado mercado	Consumo local diário	Existência no Disponível
1	—	—	5.384	n/f	152	1.050	412.030
2-							
3	4.499	20.005	61.144	158,00	—	"	369.841
4	—	20.001	1.266	158,00	—	"	387.526
5	4.080	20.006	26.985	160,00	12	"	379.485
6	—	20.006	4.689	160,00	100	"	393.652
7-							
8	—	—	11.670	161,00	—	2.100	379.882
9-				164,00	—	1.050	369.736
10	5.625	20.000	29.096	164,00	—	"	380.095
11	—	20.002	8.593	161,00	—	"	385.325
12	5.023	23.428	17.148	160,00	—	"	406.902
13	3.448	25.127	2.500				
14	—	24.350	500	n/f	—	"	429.702
15	—	—	16.479				
16-				160,00	—	"	412.173
17	—	25.091	34.019	160,00	—	"	402.195
18	8.182	25.199	10.529	157,50	—	"	415.815
19	1.275	25.100	51.871	155,50	—	"	387.994
20	3.882	24.102	3.513	156,00	—	"	407.533
21	6.692	25.020	280	n/f	100	"	421.223
22	—	—	8.873				
23-				157,00	—	"	421.200
24	—	25.031	75.335	157,00	—	"	369.846
25	4.280	25.040	15.016	158,00	—	"	378.820
26	—	25.174	38.558	158,00	—	"	364.386
27	2.712	25.072	14.923	156,00	—	"	373.485
28	7.625	25.052	32.550	157,00	—	"	364.937
29	—	—	60.169	n/f	—	"	303.718
30-							
	57.323	442.806	531.090		364	26.250	

RODOVIARIO:

São Paulo	24.775
Minas Gerais	213.917
Rio de Janeiro	30.583
Espírito Santo	32.451
Total......	301.726

RESUMO:

E. F. C. do Brasil.....	64.913
E. F. Leopoldina	52.570
Regulador	25.597
Rodoviário	301.726
Total......	442.806

CAFÉ DÍSPONIVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1951	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. do Reis	Recife	Total
Janeiro	1 795 666	764 571	53 375	13 335	535 061	15 430	29 012	3 206 450
Fevereiro	1 871 225	745 428	57 426	12 866	538 034	18 869	25 982	3 269 830
Março	1 561 957	604 877	39 728	12 826	519 140	24 075	30 296	2 792 899
Abril	1 591 003	650 954	23 444	13 296	422 871	11 094	26 241	2 738 903
Maio	1 564 710	585 792	19 001	13 437	399 901	10 149	19 957	2 612 947
Junho	1 477 517	498 745	22 307	10 076	278 963	15 660	12 370	2 315 638
Julho	1 373 970	467 167	37 544	10 354	267 332	10 361	12 812	2 179 540
Agôsto	1 457 264	418 616	64 044	10 602	369 157	18 921	10 710	2 349 314
AGÔSTO:								
1950	1 850 929	626 634	72 749	24 057	408 147	555	14 173	2 997 244
1949	2 280 917	586 528	76 652	53 055	204 879	13 447	24 855	3 240 333
1948	2 150 786	610 647	57 672	74 630	155 239	12 897	38 089	3 099 960
1947	1 997 240	514 423	40 494	88 351	201 584	21 943	77 467	2 941 502

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1951/52

MESES	ENTRADAS						MOVIMENTO			
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogros-sense	Total	Embarques	Despachos	Café reti-rado do estoque	Existência
Julho	320 910	20 956	5 555	27 791	—	375 212	463 494	465 670	1 970	1 477 517
Agôsto	446 425	30 019	2 331	32 534	300	511 609	613 037	595 291	2 119	1 373 970
Setembro	597 479	26 722	4 567	37 531	1 628	667 927	582 738	621 612	1 895	1 457 264
TOTAL	**1 364 814**	**77 697**	**12 453**	**97 856**	**1 928**	**1 554 748**	**1 659 269**	**1 682 573**	**5.984**	—

SANTOS

		Est. de Café em Santos em poder do D.N.C.		
...chos	Café retirado do estoque	Existência em poder do D.N.C.	Vendas	Existência
568	—	438	10 371	1 398 332
888	—	438	8 860	1 403 131
236	—	438	25 853	1 415 237
381	—	438	23 608	1 437 149
652	1 895	438	93 136	1 450 260
847	—	438	21 104	1 418 186
154	—	438	29 770	1 426 621
490	—	438	31 894	1 441 191
963	—	438	20 714	1 463 532
271	—	438	29 994	1 479 381
948	—	438	26 697	1 499 050
800	—	438	20 744	1 498 483
426	—	438	15 564	1 489 810
340	—	438	19 484	1 504 886
807	—	438	11 062	1 503 073
501	—	438	33 571	1 500 494
770	—	438	29 430	1 469 949
438	—	438	17 289	1 427 418
671	—	438	37 557	1 421 891
001	—	438	29 600	1 414 682
846	—	438	52 225	1 425 953
391	—	438	27 527	1 438 940
249	—	438	46 161	1 447 928
974	—	438	31 228	1 457 264
612	**1 895**	—	**693 443**	—

) DE JANEIRO

ARQUES			
Total	Retirado do Mercado	Consumo Local	
5 384	152	1 050	412 030
61 144	—	1 050	369 841
1 266	—	1 050	387 526
26 985	12	1 050	379 485
4 689	100	1 050	393 652
11 670	—	2 100	379 882
29 096	—	1 050	369 736
8 593	—	1 050	380 095
17 148	—	1 050	385 325
2 500	—	1 050	406 902
500	—	1 050	429 702
16 479	—	1 050	412 173
34 019	—	1 050	402 195
10 529	—	1 050	415 815
51 871	—	1 050	387 994
3 513	—	1 050	407 533
280	—	1 050	431 223
8 873	100	1 050	421 200
75 335	—	1 050	369 846
15 016	—	1 050	378 820
38 558	—	1 050	364 386
14 923	—	1 050	373 485
32 550	—	1 050	364 937
60 169	—	1 050	303 718
531 090	**364**	**26 250**	—

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO E VITÓRIA

SETEMBRO DE 1951

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	4 mole	4 duro	5 sem discrição	159 05 tipo 7	143 68 tipo 7
3	195 00	193 50	187 00	158 00	141 90
4	195 00	193 50	187 00	158 00	141 90
5	195 00	193 50	187 00	160 00	143 30
6	195 00	193 50	187 50	160 00	144 00
10	195 50	194 00	187 80	161 00	149 60
11	195 00	194 00	188 00	164 00	144 80
12	195 50	194 00	188 00	164 00	144 90
13	195 50	194 00	188 50	161 00	145 40
14	195 50	194 00	188 50	161 00	145 00
17	195 50	194 00	188 00	160 00	144 80
18	195 50	194 00	188 50	160 00	144 20
19	195 50	194 00	188 50	157 50	142 20
20	195 50	194 00	188 50	155 50	142 70
21	195 50	194 00	189 00	156 00	140 90
24	195 50	194 00	189 00	157 00	—
25	195 50	194 50	189 00	158 00	142 60
26	195 50	194 50	189 00	158 00	143 10
27	195 50	194 50	189 00	156 00	142 30
28	195 50	194 50	189 00	157 00	142 70
Média	**195 37**	**194 00**	**188 26**	**159.05**	**143 68**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

SETEMBRO DE 1951

(Em cents. por libra de 453,60 gr.)

DIAS	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole	Tipo 4	Tipo 7
4	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
5	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
6	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
7	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
10	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
11	53 75	53 25	55 25	54 00	—	46 25
12	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
13	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
14	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
17	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
18	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
19	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
20	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
21	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
24	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
25	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
26	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
27	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
28	54 00	53 50	55 50	54 25	—	46 25
Média	**53 92**	**53 42**	**55 42**	**54 17**	**—**	**46 25**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

SETEMBRO DE 1951

(Em cents. por libra de 453,60 gr.)

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	1	8	15	22	29	MÉDIA
COLÔMBIA						
Medelin Excelso	(2) 58 1/2	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	58 00
Armenia	(2) 58 1/2	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	58 00
Manizales	(2) 58 3/8	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	(2) 57 3/4	57 7/8
Cucuta	(2) 58 00	(2) 57 3/8	(2) 57 3/8	(2) 57 1/2	(2) 57 1/2	57 35/64
Bogotá	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 57 1/4	(2) 57 1/2	57 3/4
Tolima	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 57 1/4	(2) 57 1/2	57 3/4
Ocana	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 57 1/4	(2) 57 1/2	57 3/4
COSTA RICA						
Hard	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(6) 58 1/4	(*) 59 00	(*) 59 00	58 35/64
Fino Atlantic	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	(—) 59 00	(—) 59 00	58 1/4
EQUADOR						
Lavado	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 55 00	(2) 55 1/2	55 45*64
Extra não lavado	(2) 48 1/2	(2) 48 1/2	(2) 48 1/2	(2) 47 3/4	(2) 47 3/4	48 13/64
GUATEMALA						
Antigua	(6) 58 3/4	(6) 58 3/4	(6) 58 3*4	(6) 58 3/4	(6) 58 3/4	58 3/4
Extra prime	(6) 57 3/4	(6) 58 00	(6) 58 00	(6) 58 00	(6) 58 00	57 61/64
Lavado bom	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 00	56 00
Bourbon	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 54 00	54 00
HAITÍ						
Lavado bom mole	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	(2) 55 00	(2) 54 3/4	54 61/64
Catado á mão	(6) 52 1/2	(6) 52 1/2	(6) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	52 1/2
HONDURAS						
Lavado bom	(6) 56 1/4	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	56 3/64
Tipo 5 - Comum duro	(6) 48 3/4	(2) 48 1/4	(2) 48 00	(2) 48 1/4	(2) 47 1/2	48 5/32

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

	DIAS					
	1	8	15	22	29	MÉDIA
MÉXICO						
Coatepec	(6) 57 1/2	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 57 00	57 3/32
Tapachula primeira ..	(6) 55 3/4	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 55 00	(2) 55 1/2	55 29/64
NICARÁGUA						
Matagalpa	(6) 56 1/2	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	(6) 56 1/4	56 19/64
Lavado primeira	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	(6) 55 3/4	55 3/4
EL SALVADOR						
Lavado primeira ...	(6) 58 1/4	(2) 58 1/4	(2) 58 1/4	(6) 58 1/4	(6) 58 1/2	58 19/64
S. DOMINGOS						
Lavado bom mole ..	(6) 54 1/2	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/2	54 11/32
Fino	(6) 55 1/4	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	55 1/4
VENEZUELA						
Maracaibo	(2) 58 00	(6) 57 1/2	(2) 57 1/2	(6) 57 1/2	(6) 57 1/2	57 19/32
CONGO BELGA						
Lavado robusta	(6) 57 1/4	(6) 57 00	(6) 57 00	57 00	57 00	57 3/64
Natural robusta	(2) 47 00	(6) 47 00	(6) 47 00	47 00	46 00	46 51/64
MOCA						
Moca (Arábia)	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 55 1/4	(2) 55 1/2	54 29/32
N. E. I.						
Genuino Java Lavado	(3) 64 1/2	(2) 64 1/2	(2) 64 1/2	(3) 64 1/2	(3) 64 1/2	64 1/2
UGANDA						
Washed lavado	(6) 48 00	n/cot.	n.cot.	48 1/4	48 1/4	48 11/64

INDICAÇÕES:

(1) C. & F. U. S. A. (Nova York)
(2) Desembarcado à vista liquido
(3) Disponível
(4) F. O. B. Nova York
(5) F. O. B. País de Procedência
(x) Embarques em Nov./Dezembro
(-) Embarques em Novembro

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents. por libra de 653,60 gr.) — Contrato "U"

SETEMBRO DE 1951

DIAS	Setembro		Dezembro		MARÇO		MAIO	
	A	F	A	F	A	F	A	F
4	N/cot.	53 25	N/cot.	52 25	N/cot.	50 85	N/cot.	N/cot.
5	"	53 45	"	52 35	"	51 05	"	"
6	"	53 50	"	52 48	"	51 21	"	"
7	"	53 55	"	52 45	"	51 15	"	"
10	"	53 65	"	52 50	"	51 30	"	"
11	"	53 75	"	52 65	"	51 50	"	"
12	"	53 80	"	—	"	51 10	"	"
13	"	53 80	"	52 35	"	50 90	"	"
14	"	53 70	"	52 25	"	50 85	"	"
17	"	53 40	"	51 85	"	50 45	"	"
18	"	53 35	"	51 95	"	50 40	"	"
19	"	53 50	"	52 20	"	50 55	"	"
20	"	53 75	"	52 45	"	50 80	"	"
21	"	—	"	52 45	"	50 80	"	"
24	"	—	"	52 70	"	51 10	"	"
25	—	—	"	53 15	"	51 65	"	"
26	—	—	"	53 05	"	51 55	"	"
27	—	—	"	53 10	"	51 65	"	"
28	—	—	"	52 90	"	51 40	"	"
Média	—	53 57	—	52 50	—	51 07	"	"

Cotações de Café a Têrmos em Nova York

(Em cents. por libra de 453,60 gr.) — Contrato "S"

SETEMBRO DE 1951

DIAS	Setembro		Dezembro		Março		Maio		Julho		Setembro - 1952	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
4	52 93	53 44	52 05	52 44	50 65	51 05	49 75	50 20	48 95	49 30		
5	53 50	53 65	52 50	52 54	51 25	51 25	50 30	50 33	49 51	49 53		
6	53 80	53 70	52 40	52 68	51 25	51 41	50 50	50 58	49 75	49 78		
7	53 55	53 74	52 50	52 64	51 10	51 36	50 20	50 53	49 30	49 70		
10	53 60	53 84	52 50	52 79	50 90	51 49	50 10	50 70	49 50	49 85		
11	53 85	53 95	52 75	52 75	51 40	51 48	50 50	50 71	49 55	49 98	—	N/cot.
12	53 80	54 00	52 75	52 55	51 50	51 30	50 70	50 50	49 65	49 75	49 25	48 81
13	53 85	54 00	52 35	52 55	51 20	51 10	50 50	50 30	49 65	49 50	48 80	48 62
14	53 95	52 90	52 45	52 45	51 20	51 05	50 40	50 25	49 40	49 40	48 40	48 51
17	53 94	53 65	52 20	52 05	50 75	50 65	49 90	49 82	49 05	48 99	N/cot.	48 05
18	53 60	53 55	51 94	52 15	50 60	50 60	49 75	49 75	49 90	48 82	47 95	47 92
19	53 90	53 70	52 20	52 40	50 60	50 76	49 95	49 85	49 00	48 86	N/cot.	47 97
20	53 98	53 99	52 30	52 64	50 76	50 97	49 85	50 00	48 94	49 05	48 10	48 10
21	53 75	—	52 50	52 65	50 90	51 00	49 95	50 05	48 95	49 60	48 15	48 35
24	—	—	52 65	52 90	51 23	51 30	50 20	50 45	49 25	49 20	48 30	48 68
25	—	—	52 75	53 33	51 45	51 85	50 65	51 00	49 85	50 20	49 00	49 35
26	—	—	53 36	53 25	51 89	51 75	51 04	50 90	50 15	50 10	49 15	49 30
27	—	—	53 00	53 30	51 65	51 85	50 60	51 00	50 00	50 15	49 10	49 30
28	—	—	53 20	53 10	51 85	51 57	51 00	50 71	50 00	49 85	49 00	49 01
Média	**53 71**	**53 70**	**52 54**	**52 69**	**51 16**	**51 25**	**50.30**	**50 40**	**49 49**	**49 55**	**48 65**	**48 61**

CÂMBIO

1951

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos, durante o mês de SETEMBRO

MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Libras	3.043.479	3.134.899
Dólares	40.401.591	45.151.828
Francos Franceses	983.533.583	1.231.207.224
Escudos	2.161.194	2.243.227
Pesetas	152.154	778.614
Francos Suiços	1.296.044	3.342.305
Francos Belgas	179.714.364	233.002.577
Pesos Argentinos	——	11
Pesos Uruguaios	524	27
Corôas Tchecas	1.859	322.421
Dólares Canadenses	——	154
Corôas Suecas	5.980.151	4.676.668
Corôas Dinamarquesas	1.993.333	2.929.638
Florins	6.345	81.440

CONVÊNIOS

U$S — Alemanha	4.581.469	5.345.007
U$S — Argentino	——	2.563
U$S — Áustria	148.287	221.408
U$S — Chile	9.426	84.024
U$S — Itália	1.185.761	1.523.474
U$S — Japão	1.035.878	821.573
U$S — Polônia	3.682	——
U$S — Portugal	174.228	319.326
U$S — Tchecoslováquia	101.415	126.386
U$S — Uruguai	1.752	177.290
U$S — Yugoslávia	170	——
Brasileiro-Argentino	Cr$ 779.941,40	Cr$ 3.348.342,30
Brasileiro-Holandês	——	Cr$ 449.129,30
Brasileiro-Norueguês	Cr$ 12.103,00	Cr$ 3.144.106,00

RESUMO DOS NEGÓCIOS REALIZADOS NO MÊS DE SETEMBRO DE 1951

MOEDAS	QUANTIDADE	VALOR EM CR$
Corôas Dinamarquesas	5.320.444	14.553.010,00
Corôas Suecas	8.094.328	29.308.752,00
Cruzeiros	2.900.040.00	2.900.040,00
Dólares Americanos	52.159.259	976.421.343,00
Escudos	3.045.975	2.001.815,00
Florins	105.259	517.832,00
Francos Belgas	282.977.152	106.908.768,00
Francos Francesas	1.751.405.664	93.700.203,00
Francos Suiços	3.991.763	17.304.690,00
Libras	4.135.998	216.792.498,00
Pesetas	768.489	1.313.808,00
Pesos Uruguaios	299.850	2.277.241,00
TOTAL		**1.464.000.000,00**

Total em Libras e Dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada êste mês por esta Bolsa.

£ .... 27.930.403 = 52,4160
U$S .... 78.205.128 = 18,72—

Total computado em Setembro de 1950 .... 774.000.000,00
Total computado em Agosto de 1951 .... 1.992.000.000,00
Total computado em Setembro de 1951 .... 1.464.000.000,00

Secretaria da Bolsa, em 30 de Setembro de 1951

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de

SETEMBRO DE 1951

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Tcheco-slovaquia	Portugal	Bélgica	França
1	52,4160	18,72	—	7,6253	—	4,3425	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
3	—	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	0,6572	—	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	4,9196	4,3425	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	—	4,3426	3,6209	2,7353	—	—	—	—	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	4,9196	4,3413	3,6209	—	—	—	0,6572	—	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	—	4,3387	3,6209	—	—	—	0,6572	—	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	0,6572	—	0,0535
11	52,4160	18,72	18,00	—	—	4,3387	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
12	52,4160	18,72	—	—	—	4,34—	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	—	4,3389	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	0,3778	0,0535
14	52,4160	18,72	—	—	—	4,3329	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	—	4,3310	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	—	—	—	4,3310	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
18	52,4160	18,72	—	—	—	4,3310	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	—	—	4,3314	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
21	52,4160	18,72	—	—	—	4,3291	3,6209	—	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	—	4,3311	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
24	—	18,72	—	—	—	—	3,6209	—	—	—	0,6572	—	0,0535
25	52,4160	18,72	—	—	—	4,3301	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	—	0,0535
26	52,4160	18,72	—	7,5332	—	4,3344	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
27	52,4160	18,72	18,00	—	4,9196	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,3710	—	0,3778	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	—	4,3310	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	7,6253	4,9196	4,3301	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
Média.......	**52,4160**	**18,72**	18,00	**7,5946**	**4,9196**	**4,3351**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**0,3710**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

SETEMBRO DE 1951

DIAS	Londres Libra	Nova York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
1	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,32 30	7,68 79	3,62 09
3	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,32 30	7,68 79	3,62 09
4	52,41 60	18,72 00	4,34 25	0,65 72	1,31 48	7,62 53	3,62 09
5	52,41 60	18,72 00	4,33 87	0,65 72	1,29 64	7,53 32	3,62 09
6	52,41 60	18,72 00	4,33 87	0,65 72	1,29 64	7,53 32	3,62 09
8	52,41 60	18,72 00	4,33 87	0,65 72	1,29 01	7,56 36	3,62 09
10	52,41 60	18,72 00	4,33 87	0,65 72	1,29 01	7,56 36	3,62 09
11	52,41 60	18,72 00	4,33 87	0,65 72	1,29 19	7,59 43	3,62 09
12	52,41 60	18,72 00	4,33 87	0,65 72	1,29 19	7,59 43	3,62 09
13	52,41 60	18,72 00	4,33 29	0,65 72	1,29 19	7,60 98	3,62 09
14	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,29 37	7,59 43	3,62 09
15	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,30 00	7,59 43	3,62 09
17	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,30 00	7,59 43	3,62 09
18	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,30 00	7,59 43	3,62 09
19	52,41 60	18,72 00	4,32 91	0,65 72	1,30 54	7,56 36	3,62 09
20	52,41 60	18,72 00	4,33 29	0,65 72	1,31 28	7,56 36	3,62 09
21	52,41 60	18,72 00	4,33 29	0,65 72	1,31 09	7,47 31	3,62 09
22	52,41 60	18,72 00	4,33 29	0,65 72	1,29 19	7,48 80	3,62 09
24	52,41 60	18,72 00	4,33 29	0,65 72	1,29 19	7,48 80	3,62 09
25	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,30 73	7,48 80	3,62 09
26	52,41 60	18,72 00	4,33 29	0,65 72	1,31 37	7,48 80	3,62 09
27	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,31 55	7,44 33	3,62 09
28	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,31 74	7,39 92	3,62 09
29	52,41 60	18,72 00	4,33 10	0,65 72	1,31 74	7,39 92	3,62 09
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,33 48**	**0,65 72**	**1,30 36**	**7,54 85**	**3,62 09**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

SETEMBRO DE 1951

DIAS	Londres Libras	Nova York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
1	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,29 62	7,41 13	3,55 51
3	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,29 62	7,41 13	3,55 51
4	51,46 40	18,38 00	4,22 93	0,63 64	1,28 80	7,35 20	3,55 51
5	51,46 40	18,38 00	4,22 56	0,63 64	1,27 02	7,26 48	3,55 51
6	51,46 40	18,38 00	4,22 56	0,63 64	1,27 02	7,26 48	3,55 51
8	51,46 40	18,38 00	4,22 56	0,63 64	1,26 41	7,29 36	3,55 51
10	51,46 40	18,38 00	4,22 56	0,63 64	1,26 41	7,29 36	3,55 51
11	51,46 40	18,38 00	4,22 56	0,63 64	1,26 58	7,32 27	3,55 51
12	51,46 40	18,38 00	4,22 56	0,63 64	1,26 58	7,32 27	3,55 51
13	51,46 40	18,38 00	4,22 00	0,63 64	1,26 58	7,33 73	3,55 51
14	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,26 76	7,32 27	3,55 51
15	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,27 37	7,32 27	3,55 51
17	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,27 37	7,32 27	3,55 51
18	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,27 37	7,32 27	3,55 51
19	51,46 40	18,38 00	4,21 64	0,63 64	1,27 91	7,29 36	3,55 51
20	51,46 40	18,38 00	4,22 00	0,63 64	1,29 62	7,29 36	3,55 51
21	51,46 40	18,38 00	4,22 00	0,63 64	1,28 44	7,20 78	3,55 51
22	51,46 40	18,38 00	4,22 00	0,63 64	1,26 58	7,22 20	3,55 51
24	51,46 40	18,38 00	4,22 00	0,63 64	1,26 58	7,22 20	3,55 51
25	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,28 08	7,22 20	3,55 51
26	51,46 40	18,38 00	4,22 00	0,63 64	1,28 71	7,22 20	3,55 51
27	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,28 89	7,17 97	3,55 51
28	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,29 07	7,13 79	3,55 51
29	51,46 40	18,38 00	4,21 82	0,63 64	1,29 07	7,13 79	3,55 51
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,22 18**	**0,63 64**	**1,27 77**	**7,27 93**	**3,55 51**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMO E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

SECRETARIA D

SUPERINTENDÊNCIA D C

BALANCETE FINANCEIRO EM 31 DE AGÔSTO DE 1951 D

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária:			
Tributária	11.978.688,30		
Patrimonial	7.184.886,50	19.163.574,80	
Extraordinária:			
Diversos		2.434.136,30	21.597.711,10
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		41.706,30	
Diversos		21.556.300,50	21.598.006,80
			43.195.717,90
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber			1,90
			43.195.716,00
SALDO DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		677.290,40	
Em Bancos		11.542.231,50	12.219.521,90
			55.415.237,90

WALDEMAR CAMARGO ABR3U
Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto
G. Livros — C. R. C. — Sp. n. 5159

›A FAZENDA

›S SERVIÇOS DO CAFÉ

›O INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

DESPESA

	Cr$	Cr$	Cr$
DEPESA ORÇAMENTÁRIA			
Serviços da Dívida Externa ..	15.200.271,90		
Encargos Diversos	285.508,10		
Administração	1.313.716,10	16.799.496,10	
CRÉDITOS ESPECIAIS			
Administração		17.336,00	16.816.832,10
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Restos a Pagar — 1949		2.180,00	
Restos a Pagar — 1950		1.441.295,40	
Depósitos		23.500,00	
Diversos		31.963.001,70	33.429.977,10
			50.246.809,20
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
Em Caixa		463.699,90	
Em Bancos		4.704.728,80	5.168.428,70
			55.415.237,90

Visto
BERNARDO SPINDOLA MENDES
Gerente Substituto

Estando esgotadas, por motivo de fôrça maior, as edições da maioria de nossas "Separatas" relativas a assuntos agrícolas, comunicamos aos nossos leitores que se encontram suspensas as remessas, até segunda ordem.

Em devido tempo, comunicaremos o restabelecimento da distribuição.

Aos numerosos e distintos leitores, do país e do estrangeiro, aos quais, com o melhor de nossos esforços, temos procurado prestar um serviço que julgamos útil, agradecemos as amáveis referências com que nos têm distinguido.

—— AVISO ——

Estando esgotada a capacidade de distribuição de nosso Boletim, e havendo numerosos pedidos de remessa a serem atendidos, pedimos aos nossos atuais assinantes a gentileza de nos comunicar, dentro de 30 dias, se lhes interessa continuar a recebê-lo.

Decorrido êsse prazo, cancelaremos a remessa para aqueles de que não tenhamos recebido resposta.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL